



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ARQUITECTURAS URBANAS

A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Pedro Manuel Belona Serra

(Licenciado)

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura

Orientador Científico: Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-orientador Científico: Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Júri:

Presidente: Doutor João Francisco Freitas Figueira da Silva

Vogais: Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Doutora Maria Soledade Gomez Paiva de Sousa

Lisboa, FAUL, Fevereiro de 2014

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Resumo

Pedro Manuel Belona Serra

Orientador Científico:

Professor Doutor Hugo José
Abranches Teixeira Lopes
Farias

Co-orientador Científico:

Professor Doutor Michel
Toussaint Alves Pereira

**Mestrado Integrado em
Arquitectura**

Lisboa, Janeiro de 2014

Concebemos a Arquitectura como a matéria constituinte da Cidade. Neste sentido, propomo-nos, a partir de uma análise dialéctica entre estes dois conceitos, proceder a uma caracterização da relação cidade-arquitectura, por via a tornar os temas urbanos material operativo do projecto arquitectónico.

A Arquitectura, em contexto de cidade, está sujeita a pressões de cariz urbano e, no entanto, depois de construída torna-se, ela própria, condicionante da estrutura urbana.

Por conseguinte, propomo-nos a um entendimento da forma como estas pressões e condicionantes podem contribuir para uma significação da arquitectura enquanto elemento urbano activo - a Arquitectura Urbana. Trataremos esta problemática através de cinco categorias-base: Programa, Escala, Singularidade, Permanência e Morfologia.

Esta significação, para além de uma qualificação da obra arquitectónica, torna-se também uma forma de abordar a cidade enquanto entidade construída, revelando-se, por isso, um território legítimo da investigação urbana.

Com o intuito de validar este raciocínio, através de uma abordagem projectual ao Hospital de Santo António dos Capuchos, procedemos a uma articulação entre os temas estudados e um problema urbano/arquitectónico concreto para, deste modo, sublinharmos a pertinência destas questões como elementos activos no discurso projectual contemporâneo.

185 Palavras

Palavras-chave: Arquitectura Urbana; Programa; Escala; Singularidade; Permanência Morfologia.

Urban Architectures -The relation between the city and the architectural piece

Abstract

Pedro Manuel Belona Serra

Supervisor:

Professor Doutor Hugo José
Abranches Teixeira Lopes
Farias

Co- Supervisor:

Professor Doutor Michel
Toussaint Alves Pereira

**Master's Degree in
Architecture**

Lisbon, January, 2014

The architecture is conceived as a constituent of the city.

In this sense, from a dialectic analysis between these two concepts, it is proposed to characterize the relation between City and Architecture, in order to make urban themes operative for the architectural project.

The architecture, in the context of the city, is subjected to pressures of urban nature, however, after being constructed, becomes itself a conditioning factor of the urban structure.

Consequently, it is proposed an understanding of how these pressures and conditioning factors can contribute to the architectural signification as an active urban element - Urban Architecture. We will treat these issues through five categories: Program, Scale, Singularity, Permanence and Morphology.

This signification, beyond the qualification of the architectural piece, also becomes a way of approaching the city as a constructed entity, revealing therefore, a legitimate territory of urban research.

In order to validate this argument, through the project approach in Hospital de Santo António dos Capuchos, it is proceeded an articulation between the studied themes and the urban / architectural problem, to thereby, reaffirm the relevance of these questions, as active elements in the contemporary discourse project.

189 Words

Keywords: Urban Architecture; Program; Scale; Singularity; Permanence; Morphology.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Pelo apoio, paciência e compreensão incondicionais ao longo destes anos, dedico este trabalho à minha família, especialmente ao meu irmão, ao meu pai e à minha mãe.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Agradecimentos

Ao longo destes meses muitos foram os que, directa ou indirectamente, deram o seu contributo para a realização deste trabalho. Não me sendo possível fazer justiça a todos eles nestas linhas queria, no entanto, deixar o meu reconhecimento e agradecimento para com algumas pessoas com quem tive a sorte de me cruzar durante período.

Queria fazer um agradecimento especial ao Professor Hugo Farias e o Professor Michel Toussaint pela orientação e pelo apoio que ao longo deste trabalho me foram proporcionando, ajudando-me, não só, a obter certas respostas, mas sobretudo, a colocar as perguntas certas. Não poderia também deixar de agradecer o apoio disponibilizado pelo Professor Jorge Spencer no início desta jornada.

Agradeço à minha família o apoio e a confiança que me deram a força para superar mais uma fase crucial.

Por fim, queria agradecer a todos aqueles que, sobretudo nos últimos dias, me demonstraram o verdadeiro valor da amizade. Se nunca duvidei de mim foi porque sabia que poderia contar convosco. Obrigado por me ajudarem a "pasarlo bien".

Tenho dúvidas da minha capacidade em expressar por palavras a gratidão que tenho para convosco, no entanto, fica esta modesta tentativa.

Índice

Introdução.....	3
A Cidade como Arquitectura	7
<i>A ruptura conceptual</i>	<i>7</i>
<i>Formas da arquitectura lidar com a cidade</i>	<i>15</i>
<i>Estruturas arquitectónicas com aspirações urbanas -As utopias.....</i>	<i>19</i>
<i>A cidade-edifício – O Falanstério.....</i>	<i>20</i>
<i>O objecto finito - A Cidade-Jardim</i>	<i>22</i>
<i>Para uma organização conceptual.....</i>	<i>26</i>
A Arquitectura como Cidade	28
Programa.....	30
Escala	35
Singularidade.....	40
Permanência.....	44
Morfologia	52
Para uma operatividade projectual.....	57
O Convento como Arquitectura Urbana	60
Contextualização	60
<i>A arquitectura Capucha</i>	<i>62</i>
<i>O convento como um facto urbano</i>	<i>65</i>
<i>As estruturas conventuais enquanto operadores urbanos</i>	<i>68</i>
<i>Para uma activação urbana do convento.....</i>	<i>71</i>
<i>Estratégia urbana- A colina de Santana</i>	<i>71</i>
<i>Estratégia arquitectónica- O Hospital de Santo António dos Capuchos.....</i>	<i>74</i>
Considerações Finais	85
Bibliografia.....	88
Índice de Imagens	91
Peças Desenhadas	93

Introdução

*"Sob o ponto de vista da arquitectura urbana não pode haver edifício que não faça cidade (...)"*¹

À semelhança de Nuno Portas, entendemos a *Arquitectura Urbana* como a matéria constituinte da própria cidade. Torna-se, neste sentido, reconhecível uma analogia entre cidade e arquitectura que, embora evidente, não reflecte uma total compreensão sobre esta questão.

Ao conceptualizarmos sobre a relação entre a cidade e a obra arquitectónica aspiramos à capacidade de síntese, no que diz respeito ao entendimento da cidade, por via a poder torná-la material operativo de projecto podendo, deste modo, inseri-la no discurso arquitectónico. Trabalhando no limiar entre arquitectura e urbanismo, procuramos a *arquitectura absoluta*², a arquitectura que, para lá das especificidades disciplinares, é capaz de uma leitura integral dos fenómenos construídos.

Acreditamos que esta questão toma especial relevância no contexto actual pelo previsível retorno aos centros urbanos consolidados e consequente crescimento da população urbana³.

Assim, e em busca de soluções que integrem uma visão sustentável desse retorno, questionamo-nos sobre qual o papel que a arquitectura pode desempenhar na reactivação destes centros urbanos; quais as possibilidades urbanas da arquitectura; ou quais as possibilidades arquitectónicas da cidade. Compreender a relação entre estas duas instâncias parece-nos fundamental para operar no contexto contemporâneo.

¹ **PORTAS**, Nuno - *A cidade como Arquitectura: Apontamentos de método e crítica*. Lisboa, 1968. p. 9.

² Referimo-nos à "*arquitectura absoluta*" no sentido que Aureli a concebe, isto é, uma arquitectura que após separada da cidade é capaz de resolver e sintetizar, internamente, dinâmicas urbanas. Isto é, "*através do acto de separar e ser separado, a arquitectura revela, de uma só vez, a essência da cidade e de si própria (...): a cidade como a composição de partes (separadas)*". Ver: **AURELI**, P. V. - *The possibility of an absolute architecture*. Cambridge: The MIT Press, 2011. (s.p.)

³ Segundo as Nações Unidas, em 2050, cerca de 70% da população mundial viverá em cidades ou contexto urbanos, o que representa um crescimento de 40% em relação a 2010. **UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2012)**. *World Urbanization Prospects : The 2011 Revision*. [Consult.03/12/2013]. Disponível em: <<http://esa.un.org/unup/CD-ROM/Urban-Rural-Population.htm>>

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Esta problemática decorre do problema motivado pela prevista desactivação dos hospitais da Colina de Santana em Lisboa. Estes antigos edifícios conventuais, que ao longo dos anos foram transformados em hospitais, através de ampliações com maior ou menor sensibilidade às preexistências, estão prestes a ficar disponíveis para novas intervenções.

Revela-se, por isso, uma oportunidade única de intervir num tecido consolidado a partir desta rede de peças de média escala que, no passado, foi motriz do crescimento urbano da colina. Pela sua forte presença urbana, torna-se indispensável pensar numa estratégia de intervenção à escala de toda a colina, considerando as implicações urbanas da arquitectura.

Para além das questões teóricas, pretende-se resolver o problema específico do hospital de Santo António dos Capuchos a partir de uma abordagem projectual, representativa dos valores e estratégias defendidas na presente dissertação, tentando deste modo validar a argumentação teórica precedente.

Com o objectivo de melhor compreender e sistematizar os temas abordados, o trabalho dividir-se-á em três partes.

Numa primeira fase, optámos por uma abordagem teórica à problemática da arquitectura da cidade. No intuito de criar um raciocínio linear, fundamentado nas obras de alguns autores consagrados, procurámos clarificar conceitos e compreender as suas relações. Pretendemos também compreender de que forma se edifica a cidade e quais as suas dinâmicas, impondo-se, nesse sentido, entender o papel da arquitectura neste processo.

Por outro lado, e abordando a questão do ponto de vista da arquitectura, optámos por, através de uma categorização proposta, analisar a forma como a arquitectura, enquanto matéria constitutiva da cidade, se pode tornar um elemento activo da estruturação urbana. Neste sentido, procurámos, ao longo de diferentes etapas do projecto, identificar as estratégias que podem confluir para este objectivo.

Por fim, e com o objectivo de validar as conclusões desta argumentação, apresentamos o exercício de projecto elaborado paralelamente a esta investigação. A abordagem projectual relativa ao caso específico do Convento de Santo António dos Capuchos permite-nos, para além de confirmar a pertinência destas questões no contexto contemporâneo, compreender a operatividade das questões investigadas.

Deste modo, procurámos uma metodologia de trabalho que nos permite, não só, resolver um problema específico de projecto, como, investigar sobre algumas das problemáticas da cidade actual.

A Cidade como Arquitectura⁴

A ruptura conceptual

*"Our perception of the city is closely related to the architectural products we create. Indeed, these architectural products tend to be identical to our perceptions of the city."*⁵

A relação entre a cidade e a obra arquitectónica tem sido desde sempre um tema recorrente na discussão disciplinar. O simples enunciado desta problemática demonstra, desde já, uma premissa conceptual: cidade e objecto arquitectónico são entidades distintas e, portanto, possíveis de caracterizar por meio de uma confrontação dialéctica. Nesse sentido é através desta separação conceptual e consequente confrontação que a arquitectura revela a essência da cidade e de si própria como *forma política*⁶.

Aceite esta premissa, cabe-nos compreender de que forma se relacionam estas duas concepções espaciais.

Existe relativamente à ideia de cidade uma noção de conjunto, isto é, a cidade contém sempre uma dimensão colectiva⁷. Esta condição reflecte-se numa dinâmica evolutiva particular - a cidade é um conjunto de contribuições individuais - *as suas arquitecturas*.

⁴ A obra de Nuno Portas, com o mesmo título, surge numa altura em que se realizavam a maior parte dos Planos Directores, em Portugal. O autor discorre de forma crítica sobre os métodos de planeamento. Nesse sentido, podemos considerar que Portas crê numa estruturação da realidade urbana assente numa ideia de planeamento. O título "A Cidade como Arquitectura" interessa-nos, em alternativa à visão de Portas, no sentido em que o planeamento urbano apenas pode ser efectivado através do projecto e da construção, ou seja, da forma arquitectónica, seja ela à escala da cidade ou à escala do edifício singular.

⁵ HERZOG, Jaques - *The city and its state of aggregation*, in Quaderns d'Arquitectura y Urbanisme, nº183 (1989), Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, p. 112-115.

⁶ AURELI, P. V. op. cit., (s.p.). (tradução do autor)

⁷ " (...) o aspecto colectivo parece constituir a origem ou o fim da cidade." in ROSSI, A. (1966). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001. p. 127

Contudo, a cidade não se esgota nas suas arquitecturas, esta é mais do que a soma das suas partes. Nas palavras de Carlo Aymonino "A *Arquitectura revela-se como fenómeno urbano por excelência, como elemento constitutivo da cidade mas não coincidente com ela*" justificando-se por isso "formular hipóteses sobre relações entre a estrutura urbana e os resultados arquitectónicos que sejam premissas lógicas para uma investigação no campo específico"⁸.

Ao aceitarmos esta proposição, aceitamos que a arquitectura é a matéria operativa da cidade, ou seja, o material com o qual se cria a cidade concreta. Como tal a arquitectura, em contexto de cidade, é, antes de mais, um problema urbanístico, isto é, pela simples construção de uma obra arquitectónica num tecido, seja ele mais ou menos consolidado, está sujeita a condicionantes e pressões de génese urbana, participando desse tecido, transformando-o. A localização torna-se relativa aos referenciais da própria cidade e a configuração arquitectónica está condicionada pelo confronto com o entorno.

Todavia, interessa-nos explorar, mais do que as arquitecturas condicionadas pela cidade, as arquitecturas que, assumindo um papel activo, se tornam condicionantes da própria estrutura urbana. As arquitecturas que, pelas suas características, se assumem como referenciais ou transformadoras das dinâmicas urbanas, tornando-se, deste modo, significantes da própria cidade.

Chegado este ponto, torna-se necessário compreender de que forma a questão da arquitectura urbana tem sido abordada pelos diferentes autores.

Aldo Rossi concebe duas possíveis interpretações da cidade enquanto fenómeno construído: a cidade enquanto *manufacto* e a *cidade por partes*⁹. A principal diferença entre estas duas interpretações encontra-se na forma como cada uma delas aborda a cidade enquanto entidade analisável. A primeira, sistematiza a cidade através de uma visão

⁸ AYMONINO, Carlo.(1984). *O significado das cidades*. Lisboa: Presença, 1984. p. 116

⁹ ROSSI, A., op. cit., p. 43

unitária, um objecto que se transforma no tempo¹⁰; a segunda, por sua vez, concebe a cidade como a “*soma de muitas partes, bairros e circunscrições*”¹¹, referindo-se sobretudo aos diferentes ciclos e processos, muitas vezes simultâneos, que constituem a própria cidade.

Apesar de assumir ambas as leituras, Rossi baseia todo o seu discurso no modelo da *cidade por partes*, justificando que “ (...) a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside no seu proeminente carácter formal e espacial”¹² e reconhecendo que a cidade é consequência directa do *processo de fazer cidade*. A cidade é, portanto, resultado de processos evolutivos extensos e consecutivos tornando-se deste modo *significante da sua própria forma física*¹³

Vários são os autores que defendem a cidade por partes como resposta metodológica aos problemas da cidade.

Fernando Chueca Goitia defende que “a cidade sempre foi e será, pela natureza da sua essência, artisticamente fragmentária, tumultuosa e inacabada”¹⁴. Reconhecendo, deste modo, a essência da cidade nas forças motrizes da sua transformação.

Por sua vez Manuel Solá Morales identifica, no trabalho do TEAM X, a fragmentação como operação metodológica com vista a operativizar contextos extensos e, muitas vezes, tão complexos que dificultam uma abordagem projectual. Deste modo, sugere que “a estrutura da cidade deveria decompor-se em unidades menores, nas quais a

¹⁰ As imagens unitárias da cidade são recorrentes na teoria urbana, para além de Rossi ver também “Oskar Handlin and John Burchard, *The historian and the city*. Harvard 1963, p. 165. *The city as na artifact*, p. 177”. Idem, p. 51.

Análoga à cidade enquanto manufacto, a metáfora da cidade enquanto organismo vivo, utilizada no séc. XIX, sobretudo pelos movimentos ecologistas, também entende a cidade sob um ponto de vista unitário. Não obstante, transmutável ao longo do tempo. Veja-se o exemplo de Elisée Reclus que utiliza esta metáfora para explicar a identidade de cada cidade. In CHOAY, Françoise. *The modern city:plannig in the 19th century*. New York: 1969.

¹¹ Idem, p. 85.

¹² Idem, p. 86

¹³ MOREIRA, João G. S. *A presença da arquitectura como enclave*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2013. p. 9

¹⁴ CHUECA GOITIA, F. (1982). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Presença, 2010. p. 35. (tradução do autor)

*vida social, as capacidades criativas e participativas dos indivíduos pudessem incorporar-se na arquitectura*¹⁵.

Por sua vez, Pier Vittorino Aureli concebe a cidade como um “arquipélago de intervenções específicas”¹⁶, assumindo a essência da cidade como um conjunto de partes arquitectónicas. Nesse sentido, o autor refere a *inércia específica*, característica da arquitectura, como resposta aos processos de urbanização¹⁷. A concepção da *cidade por meio de unidades arquitectónicas delimitadas* reposiciona a influência da arquitectura na própria forma da cidade.

Ao reconhecer a cidade por partes, estamos a assumir duas proposições: por um lado, que estas são parte de um sistema maior e mais amplo - a cidade; por outro, que cada uma delas é delimitada por uma ou mais características comuns¹⁸. Assumimos uma identidade particular referente a cada uma dessas partes num sistema mais complexo, ou seja, reconhecemos uma homogeneidade particular a um determinado edifício ou bairro que não reconhecemos à totalidade do conjunto.

Estas áreas apresentam frequentemente uma coerência morfológica que nos permite, não só, compreender o sentidos dos seus gestos no território, como os valores urbanísticos presentes nessa mesma área.

Ao contrário da arquitectura, “A cidade não é por natureza uma criação que possa ser reportada a uma única ideia base”¹⁹. Deste modo, a ideia de planeamento urbano unitário torna-se antítese da própria cidade²⁰. As consequências de tal argumento revelam-se para alguns arquitectos numa descrença na própria ideia de planeamento, argumentando que

¹⁵ SOLA-MORALES, Ignasi . *Territorios*. Barcelona: 2002. p 41 (tradução do autor)

¹⁶ AURELI, P. V.. op. cit., p xiii. (tradução do autor)

¹⁷ Aureli refere-se os processos de urbanização como opostos à ideia de cidade, nesse sentido, o autor defende que arquitectura é a única forma de poder estabilizar a cidade frente aos referidos processos, através da sua *inércia específica*.

¹⁸ “ O facto de a considerar em si, significa reconhecer a esta parte de um mais vasto conjunto urbano, características precisas, uma qualidade diferente” in ROSSI, A. op. cit., p 84.

¹⁹ Idem, p. 85.

²⁰ “ (...) dilui cada vez mais a importância do plano, do desenho geral da cidade que deve ser estudado sob outros pontos de vista” Idem, p. 133.

apenas nos resta o foco no *altamente específico* procurando incorporar na escala do edifício *as qualidades fenomenológicas da cidade*²¹.

A incapacidade de um projecto unitário de cidade revela os limites da intervenção arquitectónica, ou seja, entendemos que a cidade, como entidade planeável, está fora do alcance disciplinar da arquitectura.

Kenneth Frampton, situa " *a dissolução da cidade como domínio circunscrito*" no início do século XIX. Segundo o autor, desde essa data, os " *arquitectos tomaram consciência que qualquer contribuição que eles possam fazer para a forma urbana será necessariamente limitada*"²². Neste sentido, assumimos a arquitectura, ao contrário da cidade, como uma entidade delimitada.

Segundo o autor, esta ideia está já presente no projecto de Camillo Sitte para a Ringstrasse, em Viena, onde, em resposta à vastidão do espaço e à aparente aleatoriedade de implantação dos objectos, Sitte recomenda a redefinição do Ring como uma forma delimitada.²³

Entendemos, por isso, a arquitectura como uma *operação*²⁴, ou seja, uma acção delimitada num determinado contexto urbano. Esta é, portanto, uma acção sobre a cidade que, independentemente da escala e das motivações, se revela como força motriz do processo evolutivo da própria cidade.

Concluimos, deste modo, que as cidades, enquanto entidades construídas, evoluem por meio de operações às mais diversas escalas, no entanto, todas elas representativas de uma alteração urbana. Ao fazer uma análise cronológica de uma

²¹ **CARUSO**, A. *The Feeling of Things*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2008. p. 40. Cit. por **MOREIRA**, João G. S. op. cit., p. 11.

²² **FRAMPTON**, K. *Megarform as Urban Landscape*. EUA: 2009. p. 2. [pdf] disponível em: <http://infotechmfp.files.wordpress.com/2012/03/kframpton_megaform-as-urban-landscape.pdf>[Consult. 2/6/2013] (tradução do autor)

²³ Sobre Camillo Sitte ver: **SITTE**, Camillo. *City Planning According to Artistic Principles* (1889).

²⁴ " (...) as áreas são sempre entendidas como unidades do conjunto urbano que emergiram, mediante uma operação (...)" In **ROSSI**, A. op. cit., p. 86.

determinada cidade, apontando individualmente as referidas operações, compreendemos as *circunscricções* referidas por Rossi²⁵.

Uma operação tende para uma coerência que lhe confere uma determinada homogeneidade²⁶. Deste modo, podemos afirmar que cada uma delas é causa e consequência de uma estrutura de valores, coincidentes com uma certa corrente de pensamento e um tempo específico. Neste sentido, podemos, ainda, afirmar que cada operação tem uma identidade própria, distinguindo-se das restantes.

Estas operações localizadas num determinado tempo e espaço tentam resolver e conformar a cidade às condições da própria operação. Pelo facto de se localizarem num tempo e espaço específico adquirem uma coerência própria, reflexo desse mesmo tempo²⁷. Neste sentido, em analogia aos sistemas informáticos, poderemos afirmar que cada operação surge como uma actualização de uma área delimitada de cidade para um novo tempo.

*" (...) a arquitectura é a cena fixa das vicissitudes do homem."*²⁸

A nossa experiência do espaço é eminentemente temporal. A arquitectura, tal como a cidade, tem tempos, ciclos, movimentos. Se isto nos serve para conceptualizar sobre o espaço, serve-nos também no acto de projectar, já que, ele próprio é também eminentemente temporal, o projecto é sobretudo uma planificação de eventos futuros, uma antecipação de espaços, formas e relações.

²⁵ Idem, p. 85.

²⁶ Ressalva-se aqui que, não nos referimos apenas a uma homogeneidade formal, pois esta torna-se, muitas vezes, bastante difícil de observar, referimo-nos à uma homogeneidade construtiva e de valores.

²⁷ Salvo no caso de alguns anacronismos, referidos, por Rossi, como elementos patológicos.

²⁸ Idem, p. 33.

Ao compreender esta dimensão temporal do espaço, este apresenta-se-nos mais volátil, mais complexo e no entanto, mais autêntico. O entendimento da continuidade temporal do espaço é fundamental tanto à arquitectura como à cidade, “*pois acontece que o espaço organizado pelo homem é condicionado na sua organização mas, uma vez organizado, passa a ser condicionante de organizações futuras*”²⁹, ou seja, a organização do espaço está condicionada a uma determinada função, época, sociedade, estética, técnica; a uma determinada *circunstância*³⁰.

Este condicionamento remete-nos para o carácter diacrónico dos elementos urbanos, por outras palavras, a cidade é entendida como uma entidade em permanente reconstrução. Esta reinvenção permanente da sua estrutura, pelo seu carácter condicionado e condicionante, demonstra-nos o carácter cumulativo e historicista da própria cidade.

Assumido por autores como Rossi, Tafuri e Aymonino, o significado histórico e simbólico dos lugares, negado pelas vanguardas do modernismo, revela-se essencial à intervenção na cidade. Daí estes autores elegerem a história como elemento activo na prática de projecto, entendendo a continuidade dos processos urbanos e integrando o objecto arquitectónico nestes.

Por seu lado, este diacronismo dos processos urbanos é inconcebível à escala arquitectónica, que se apresenta como uma *operação* sincrónica³¹. É da dialéctica entre o sincronismo arquitectónico e o diacronismo urbano que resultam as nossas cidades.

Reafirmamos, que subjacente a esta análise sobre as teorias da cidade está a noção de processo, isto é, da cidade como resultado dos processos de fazer cidade.

²⁹ **TÁVORA**, Fernando. (1961) *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2006. p. 21

³⁰ “Referenciada ao quadro de pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, que escreveu “eu sou eu e a minha circunstância”(…) Távora vai ainda mais longe nesta reflexão, afirmando que se, por um lado a arquitectura é fortemente condicionada por uma serie de factores naturais (...) por outro ela transforma-se também em condicionante” **FARIAS**, Hugo José Abranches Teixeira Lopes. *La Casa : Experimento y matriz : La Casa de Ofir (1958), de Fernando Távora, y la Casa de Vila Viçosa (1962), de Nuno Portas y Nuno Teotónio Pereira, en el proceso de revisión crítica de la arquitectura moderna en Portugal*. Tese de doutoramento. Madrid: ETSA-UPM, 2011. p.79-87

³¹ Ou seja, defendemos um modelo que define o diacronismo como uma característica eminentemente urbana, neste sentido a arquitectura quando é alvo deste tipo de processos torna-se ela própria matéria urbana. O prolongar da arquitectura no tempo torna-a um facto urbano.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Ao analisar estas teorias sobre a cidade, identificamos como principal problema da sistematização da cidade o confronto desta com a evolução temporal. Pelo facto da cidade não ser uma entidade estática ao longo do tempo, as imagens criadas necessitam sempre de lidar com os processos de transformação da própria. Por isto, a compreensão destes processos torna-se substancial à compreensão da própria cidade.

Formas da arquitectura lidar com a cidade

Podemos distinguir dois tipos de sistemas classificadores do espaço urbano: os sistemas topológicos e os sistemas geométricos³².

As operações de planeamento baseadas em sistemas geométricos tentam criar, por norma, uma estrutura sistémica significativa da própria malha urbana. Este tipo de sistemas caracteriza-se por uma extrema clareza ao nível dos espaços entre os edifícios. Desenhados, na maior parte das vezes, a partir de uma abordagem aos temas da circulação, estes apresentam-se como um elemento aglutinador dos diferentes edifícios que suportam.

Koolhaas, no livro *Delirious New York*, defende como factor decisivo da urbanidade a existência de uma estrutura comum que inter-relaciona as diferentes arquitecturas, ou seja, as partes.

Através do projecto *The city of the captive globe*, de 1972, onde expõe a grelha como princípio aglutinador de uma pluralidade arquitectónica extrema, o autor explora a ideia de *arquipélago urbano*³³.

Neste projecto cada lote é um laboratório ideológico independente representado como um maciço rochoso na base das arquitecturas exibidas. A grelha separa e ao mesmo tempo confere um sentido às parcelas. A rigidez imposta na forma e dimensionamento do lote é contrariada com a quase absoluta liberdade ao nível da volumetria. Deste modo, o edifício é entendido como uma *cidade dentro da cidade*.

³² NORBERG-SCHULZ, Christian (1996) *L'art du lieu - Architecture et paysage, permanence et mutations*. Paris: Le Moniteur, 1997. p. 53.

³³ Ideia explorada por Oswald Mathias Ungers nos anos 60 e 70 in AURELI, P. V. op. cit., p. 177

A grelha, enquanto elemento aglutinador, apresenta-se como um mediador entre a cidade e as suas arquitecturas, sem no entanto esgotar a própria ideia de cidade.

Por sua vez, os sistemas topológicos apresentam-se como modelos onde cada arquitectura contribui para uma estruturação do tecido urbano, não tendo necessariamente uma ideia prévia de planeamento. Estes assumem-se como uma estruturação natural, baseada nas interpretações das condicionantes do local. Este tipo de sistemas apresenta-se muito mais fragmentado que o primeiro, pois a falta de uma regra geradora origina uma menor clareza formal.

A participação da arquitectura num discurso urbano torna-a um elemento mais activo na estruturação urbana. Isto é, num sistema em que são os edifícios, através dos seus limites, a desenhar a própria cidade, os próprios edifícios detêm um maior carácter urbano que nos sistemas em que a urbanidade é assegurada por uma determinada regra geradora.

Aureli defende, neste sentido, a concepção do objecto arquitectónico³⁴ baseado naquilo que ele, através de uma interpretação unitária entre arquitectura e cidade, define como *síntese unilateral*.

Trata-se do reconhecimento da dimensão colectiva da forma arquitectónica face à cidade, isto é, verifica que a arquitectura é o último reduto do domínio público, enfatizando assim a autonomia de uma face à outra. *“Do ponto de vista do projecto, o modo de concretizar esta intenção é o trabalho dos limites entre a intervenção e a sua envolvente no sentido de formalizar ou reforçar discontinuidades no espaço urbano, garantindo que essas discontinuidades tragam o espaço público ou de sentido colectivo ao domínio do objecto arquitectónico”*³⁵. A urbanidade surge assim nas fronteiras do projecto arquitectónico e na forma como as articulações entre ele e o contexto se desenham.

³⁴ Para Aureli entende que *“a verdadeira condição da forma arquitectónica é separar e ser separado”* neste sentido a arquitectura autonomiza-se e torna-se objecto. Idem, p. ix.

³⁵ MOREIRA, João G. S. op. cit., p. 16.

Neste sentido vale a pena analisar a proposta que Oswald Mathias Ungers propõe para Berlim ocidental, em 1977.

A cidade encontrava-se como um enclave rodeado de território hostil. Ainda não totalmente reconstruída da Segunda Guerra Mundial e em pleno declínio populacional, continha vastas áreas abandonadas e isoladas.

Ungers, liderando uma equipa de arquitectos, entre os quais Koolhaas, propõe o projecto *Die Stadt in der Stadt*.³⁶

Ungers reduz a cidade a complexos arquitectónicos de média escala, *partes irreduzíveis e significantes*, rodeadas de um imenso maciço arbóreo. Deste modo, a densidade, própria dos contextos urbanos, é reencontrada na escala arquitectónica. Esta redução era tida, não como um processo de desurbanização, mas como um reforço da forma arquitectónica enquanto elemento activo da estruturação da cidade. Estes complexos arquitectónicos tornavam-se, assim, os últimos redutos da urbanidade berlinense³⁷.

Apesar da radicalidade do projecto, este exemplo serve-nos para entender que a cidade pode ser reduzida à estruturação arquitectónica.

Deste modo, tanto Aureli como Ungers reconhecem ao objecto arquitectónico e aos seus limites uma capacidade de redesenhar a cidade.

Seja através de uma malha reguladora, seja trabalhando os limites do corpo arquitectónico a verdade é que estes arquitectos procuram abordar a urbanidade a partir da escala arquitectónica.

Consideramos, no entanto, que os sistemas geométricos são mais coincidentes com a ideia de arquitectura urbana do que com a ideia de cidade. Ao assumirem um

³⁶ Ver: **UNGERS**, Oswald Mathias. *The City in the City-Berlin: A Green Archipelago*. 1977.

³⁷ **AURELI**, P. V. op. cit., p. 180.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

carácter de plano e apostarem numa ultra-definição das relações entre os diferentes edifícios acabam por anular a originalidade e a variedade presente na ideia cidade.

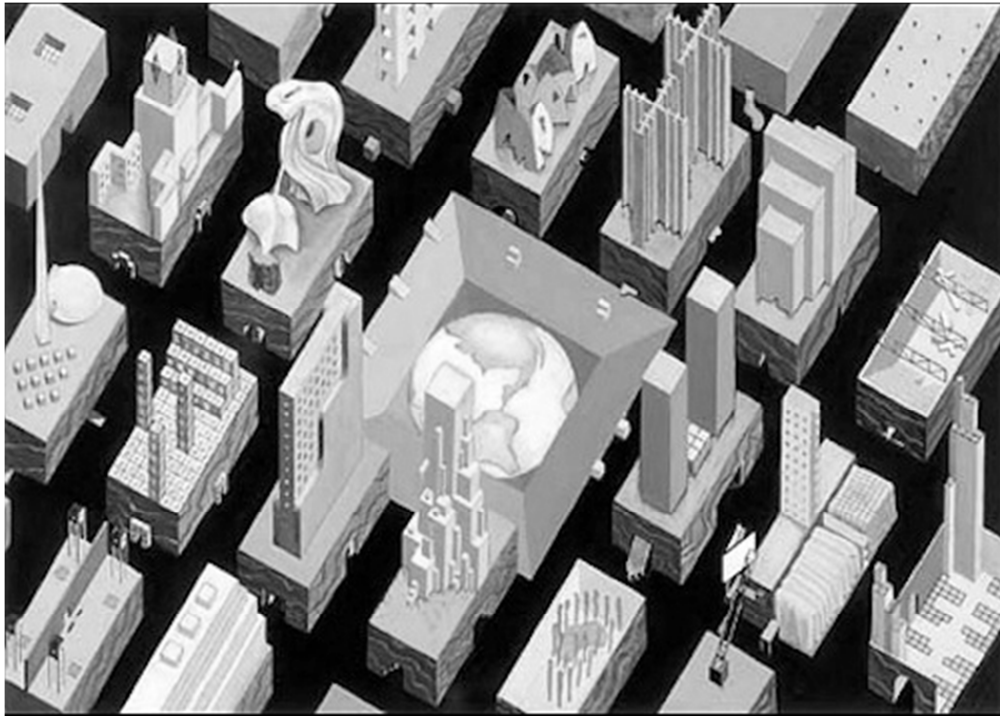


fig. 1- *The City of The Captive Globe*. KOOLHAAS, Rem. 1972.

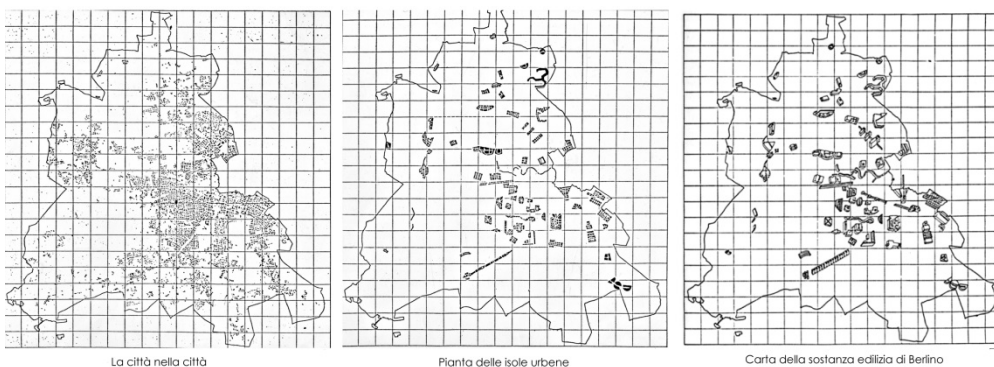


fig. 2- *Die Stadt in der Stadt*. UNGERS, Oswald Mathias. Berlim, 1977.

Estruturas arquitectónicas com aspirações urbanas -As utopias

As *utopias*³⁸ têm-se apresentado como um campo de investigação da relação entre a cidade e o objecto arquitectónico. Apesar dos problemas inerentes³⁹, estes raciocínios têm sido ferramentas importantes no reconhecimento das possibilidades urbanas na estruturação arquitectónica, pois servem-se, muitas vezes, de imagens arquitectónicas para a comunicação de um modelo ideal de sociedade e consequentemente de cidade.

Apesar de a maior parte das utopias clássicas “*descurar as questões espaciais em benefício das questões sociais*”⁴⁰, existe um repertório de imagens associado a estas que nos ajuda a compreender o tipo de espacialidades ambicionadas.

Mais do que os valores ou os programas ideológicos inerentes, a *utopia* interessa-nos enquanto forma de desenhar a cidade sem constrangimentos físicos, permitindo uma clara incorporação dos valores e significados subjacentes a uma determinada corrente de pensamento.

Esta materialização de valores numa estrutura espacial pode apresentar-se como um esquema espacial unitário, ou seja, uma estrutura arquitectónica que faz uma síntese dos princípios urbanos defendidos por uma determinada visão utópica.

³⁸ Neologismo introduzido por Thomas More, em 1516, que designava a ilha, descoberta pelo navegador português Rafael Hitlodeu, onde alegadamente existia uma sociedade perfeita. O conceito de utopia acompanha-nos, até aos dias de hoje, como ferramenta para ilustrar modelos de organização social ideais, utilizando muitas vezes imagens de cidades ideais como materialização destas sociedades.

³⁹ “O raciocínio utópico apresenta algumas falhas persistentes, tais como a desconsideração pelo processo de desenvolvimento e um conjunto extremamente estreito e estático de valores”, para além destes problemas metodológicos as utopias, caso venham a ser postas em prática, assumem-se como uma “*perversidade*”, LYNCH, Kevin (1981) *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 60.

⁴⁰ No sentido em que as questões espaciais não são a sua principal preocupação mas sim uma ferramenta para afirmar uma organização social. LYNCH, Kevin, op. cit. p. 60

A cidade-edifício – O Falanstério

Fruto da industrialização do início do século XIX e com uma óbvia componente política, o francês Charles Fourier sugere-nos a *Teoria das Doze Paixões Humanas Naturais*. Baseada na crença de que o ser humano é bom por natureza e é a sociedade que o corrompe, o autor desenha uma sociedade ideal que se encontraria no último estado de desenvolvimento, a *Harmonia*.

Para albergar esta comunidade, Fourier imaginou uma estrutura arquitectónica capaz de acolher uma comunidade de 1620 indivíduos -o *falanstério*- a materialização espacial dos seus ideais sociais. Apesar de o edifício ser, essencialmente, “*uma expressão simbólica da perfeição da nova sociedade*”⁴¹, não deixa de ser um reconhecimento do objecto arquitectónico enquanto matéria representativa de valores urbanos.

O edifício, de matriz simétrica, com cerca de quatro pisos, configura três pátios, palcos da vida comum. Este caracteriza-se por uma enorme permeabilidade ao nível térreo, permitindo o atravessamento rodoviário. O carácter horizontal do projecto é perturbado pela *Tour d'Ordre*, um elemento vertical situado na parte central da composição, que domina todo o conjunto.

No seu interior existe aquilo que o autor denomina de *rue-galerie*⁴², uma galeria com três pisos de altura, que se inicia no primeiro piso e se faz prolongar pelos restantes, ladeada por fileiras de quartos, recebendo luz directamente pela cobertura e resolvendo, deste modo, as questões de ventilação e de iluminação no interior do corpo arquitectónico.

⁴¹ Idem, p. 61

⁴² Não deixa de ser interessante notar algumas das coincidências entre esta utopia e as experiências corbusianas nas *Unités d'Habitation*, 150 anos depois. Le Corbusier, à semelhança de Fourier, reconhece na obra arquitectónica uma dimensão urbana. Deste modo, propõem-nos um complexo sistema arquitectónico como materialização dos seus ideais sociais. Fourier, num sentido utópico e experimentalista, Corbusier numa tentativa de resgate da urbanidade perdida. A rua torna-se parte do discurso arquitectónico, os serviços deixam de ser programas parcelares e englobam a totalidade arquitectónica, a cidade passa a ser uma *unité*.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

De modo a reforçar o sentido de comunidade, Fourier propõe quartos individuais e uma separação etária por pisos, atribuindo o primeiro piso aos mais idosos, o segundo às crianças e os restantes aos adultos, para deste modo diluir a vida familiar na comunidade.

À imagem da cidade, o edifício contém, em si, os serviços e instalações colectivas necessárias à comunidade que alberga. A incorporação destes serviços serve, por um lado, como um reforço do carácter urbano da imagem criada, por outro, como uma possibilidade de desvincular a estrutura de qualquer contexto urbano, ou seja, esta é, por si só, auto-suficiente. Todas as dimensões da vida quotidiana dos habitantes foram planeadas e o edifício é, neste sentido, uma realidade absoluta e unitária. Deste modo, o edifício ambiciona, por si só, sintetizar a cidade, anulando as relações com possíveis entornos e encerrando em si mesmo a totalidade da experiência urbana.⁴³

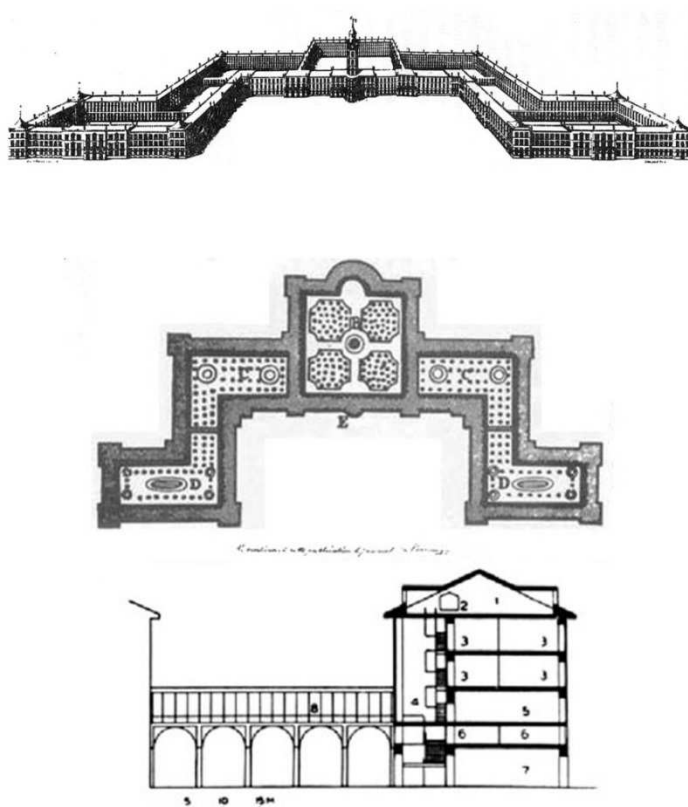


fig. 3 - Falanstério. **FOURIER**, Charles

⁴³ para uma leitura mais detalhada sobre o *falanstério* de Fourier consultar: **BENÉVOLO**, Leonardo. (1981) *Historia de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1994. p. 182-184

O objecto finito - A Cidade-Jardim

Uma das utopias que mais influenciou a cidade contemporânea foi a *cidade-jardim* de Ebenezer Howard. Tomado como um modelo de desenvolvimento pelos arquitectos do movimento moderno, a cidade-jardim justificou o consumo de milhares de hectares nas periferias dos centros urbanos. Apesar das consequências, mais ou menos consensuais, deste modelo, pela sua importância na história da cidade, é-nos impossível não lhe dedicar algumas linhas.

As premissas base da cidade-jardim prendiam-se com as questões de higiene e salubridade, surgindo como alternativa à cidade industrial, poluída e congestionada. Howard propõe-nos uma cidade ampla, verde e em estreita comunhão com a natureza, seguindo, então, um caminho de extrema dispersão urbana e abdicando da típica concentração urbana.

Neste sentido, o autor sugere um sistema polinuclear onde uma cidade central, com 58.000 habitantes, se interliga a várias cidades satélite, cada uma com um máximo de 30.000 habitantes.

O próprio esquema circular destas cidades permitiu-lhe dispor as funções numa lógica concêntrica.

Numa tentativa de dissolver a urbanidade, o autor coloca no centro do esquema as actividades comerciais e culturais, assumindo assim o forte carácter urbano destas, em seguida e afastando-se deste centro Howard coloca as residências e por fim a indústria⁴⁴ e a agricultura. Implicitamente, Howard reconhece diferentes graus de urbanidade aos diferentes programas.

⁴⁴ Apesar de podermos considerar a indústria uma actividade urbana, note-se que a proposta de cidade-jardim surge em alternativa à cidade industrial, existindo por isso uma certa repulsa por esta função urbana.

No centro da cidade, como edifício mais significante, encontra-se a escola que, segundo o autor, seria a primeira estrutura a ser construída, podendo, no início, ser utilizada como biblioteca, templo religioso ou outro qualquer serviço comunitário.

Posteriormente surge o *Palácio de Cristal*, uma tipologia apresentada por Howard que se aproxima da função de mercado comunitário e jardim de inverno, representativo da comunidade, onde os cidadãos poderiam vender os seus produtos ou comprar os dos vizinhos.⁴⁵

Na elaboração do seu esquema de cidade, Howard utiliza meios eminentemente arquitectónicos para a organização espacial, definindo circulações, limites e programa numa acepção de homogeneidade e coerência. Como tal, Howard vê-se obrigado a escolher a *tábula rasa* para implantar o seu modelo, pois, segundo ele, a “*unidade de plano e de objectivo*” seria impossível nas cidades antigas constituídas por “*uma multitude de decisões minúsculas intrincadas e egoístas*”⁴⁶.

No entanto, na nossa opinião, o que mais contribui para a definição da cidade jardim como uma arquitectura urbana é o facto de a cidade ser considerada uma entidade limitada, isto é, o número de habitantes é restringido a um tecto máximo. Esta necessidade de restringir a dimensão prende-se, a nosso ver, por uma perda de controlo do objecto. Estas utopias são, por conseguinte, entidades objectiváveis e delimitadas no espaço, ao contrário da cidade.

Deste modo, reconhecemos à cidade uma complexidade que nenhum destes sistemas pode alguma vez simular, por muito extensas que estas operações sejam existe nelas apenas um princípio, ou um conjunto de princípios geradores⁴⁷ que anula a sua urbanidade. Pela sua própria natureza sistémica estes modelos, mais do que cidades ideais, são arquitecturas urbanas ideais.

⁴⁵ Sobre a *cidade-jardim* de Howard consultar: **HOWARD**, Ebenezer. (1902) *Garden Cities of Tomorrow*. Londres

⁴⁶ In Archives Howard , première ébauche de G.C.T., folio 3 cit. por: **FISHMAN**, Robert, trad. **GUILLITTE**, P., *L'utopie urbaine au XXe siècle*, Bruxelas: 1979. p. 35. (tradução do autor)

⁴⁷ Que são a razão de ser da própria utopia.

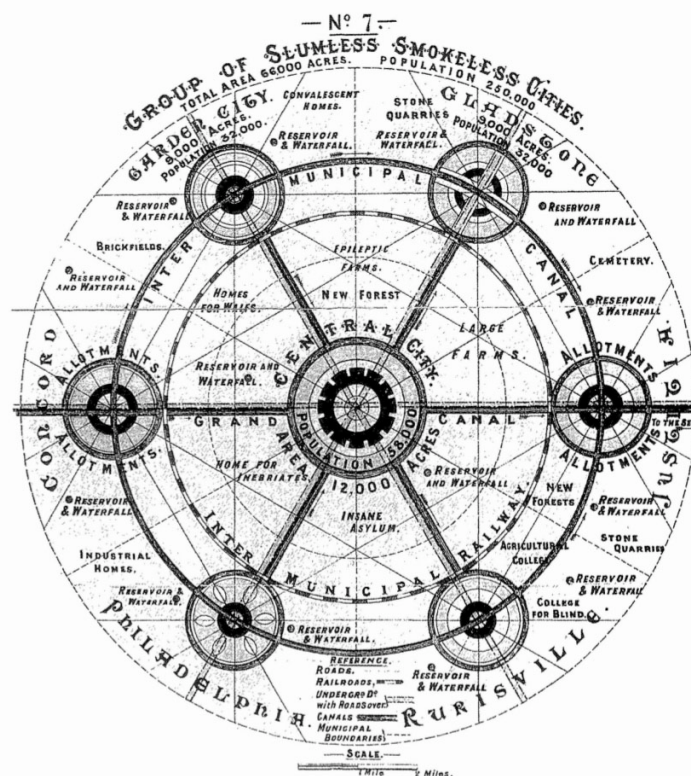


fig. 4- Cidade-jardim. HOWARD, Ebenezer. 1898. Grupo de cidades.

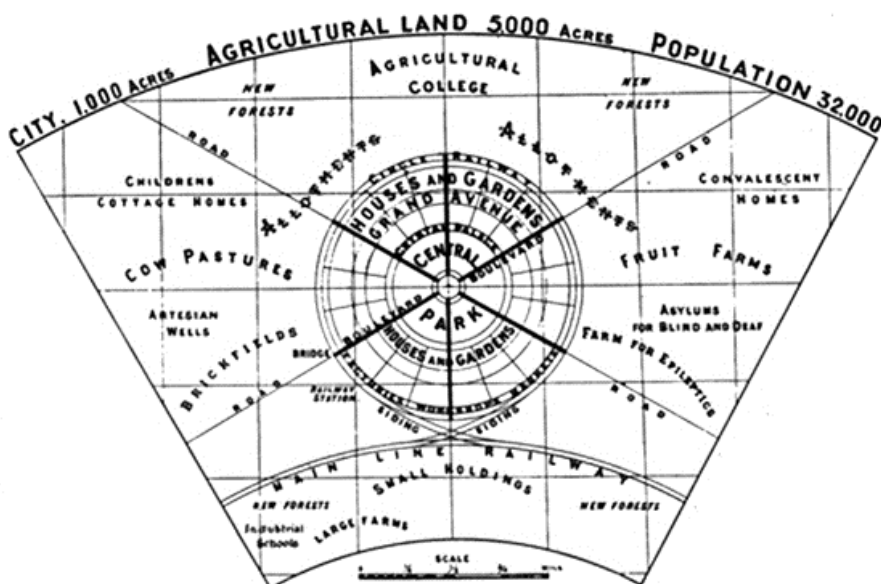


fig. 5 - Cidade-jardim. HOWARD, Ebenezer. 1898. Diagrama.

“Na verdade, a cidade, enquanto entidade física e social, ultrapassa, a cada passo, as projecções utópicas que ciclicamente sobre ela se vão construindo”⁴⁸

Assumimos, pois, que a ideia de utopia não é coincidente com a de cidade. A utopia é, pela sua natureza vanguardista, um sistema claro, unitário e coerente, com vista a cumprir a sua função enquanto modelo. Dissidindo por isso da ideia de cidade enquanto entidade ilimitada, espacial e temporalmente, que tende para a multiplicidade e heterogeneidade.

A cidade é um *locus*⁴⁹, enquanto a utopia é a negação do local. Questões como a limitação do número de habitantes ou resumir o projecto a um determinado número de projetos-tipo, anula a imprevisibilidade e a originalidade dos contextos urbanos. Estas estratégias, apesar de aceitáveis nos processos utópicos, seriam censuráveis na cidade construída.

Assumimos que a força das utopias advém da sua coerência e definição; no entanto, uma extrapolação directa para uma cidade construída seria contrária à própria ideia de cidade. Não queremos com isto desvalorizar a utopia enquanto metodologia de experimentação social e urbana, no entanto, é necessário compreender as suas limitações enquanto ferramenta disciplinar.

⁴⁸ LOUSA, A. *Object-City*. Coimbra: Tese de Doutoramento em Teoria e História da Arquitectura no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009. p. 14.

⁴⁹ Ver: ROSSI, A. op. cit., p. 151-157.

Para uma organização conceptual

Todo o raciocínio precedente teve por objectivo compreender a relação entre a cidade e a arquitectura. Entendemos como indispensável a necessidade de compreender o fenómeno urbano para entender as suas possíveis coincidências como o objecto arquitectónico.

Após esclarecida a distinção entre estas duas entidades, tentamos, por via de uma confrontação conceptual, caracterizar cada uma destas ideias.

Deste modo, concluímos que a cidade, enquanto entidade física, é extensiva no espaço e no tempo. A questão da dimensão urbana dificulta bastante caracterização da cidade, pois, enquanto entidade extensa e heterogénea, esta apresenta-se eminentemente fragmentada. Por este motivo, torna-se necessária uma estruturação *por partes* para a sua sistematização. Neste sentido, a cidade, enquanto contribuição de múltiplas ocorrências, torna-se abordável sob o ponto de vista da forma arquitectónica, ou seja, a arquitectura torna-se uma forma legítima de abordar a cidade.⁵⁰

A arquitectura, enquanto processo, é uma operação sincrónica e delimitada logo, objectivável no tempo. Esta objectivação torna-a, em comparação à cidade, mais concreta, no sentido de ser mais facilmente caracterizável, por isto, mais operativa.

No próximo capítulo, através da exploração da arquitectura enquanto objecto constituinte da cidade, abordaremos a integração das dinâmicas urbanas no fenómeno arquitectónico. A consciencialização dos processos urbanos tornou-se, por isso, imprescindível a uma possível integração destes nos processos projectuais e assim aspirar a uma verdadeira Arquitectura Urbana.

⁵⁰ A única, segundo autores como Caruso, Aureli e Koolhaas.

A Arquitectura como Cidade

A cidade, pela sua extensão, torna-se difícil de conceber como objecto⁵¹. A dificuldade em objectivar a cidade dificulta a caracterização desta, por isso, apenas podemos aspirar a modelos aproximados da realidade urbana.

Reconhecemos-lhe, no entanto, algumas características que nos permitem investigar a relação desta com a arquitectura. A heterogeneidade e a noção de conjunto revelam uma cidade constituída por diferentes partes, por outras palavras, uma cidade constituída por diferentes arquitecturas.

A arquitectura torna-se, assim, o principal operador urbano, revelando toda a sua potencialidade na configuração urbana. Ao contrário da cidade, a arquitectura assume-se como uma *operação* sincrónica e delimitada, tornando-se, por isso, objectivável e consequentemente, mais facilmente caracterizável. Deste modo, confere-se à arquitectura a operatividade necessária para abordar o problema urbano - ainda que por partes.

Neste sentido, procurámos, ao longo do presente capítulo, compreender quais os factores que fazem da arquitectura um ponto activo na estruturação urbana, tornando-se, assim, um condicionante desta. Isto é, quais as variáveis que tornam um *facto arquitectónico* num *facto urbano*.

Por conseguinte, definimos um conjunto de questões estratégicas para a estruturação de uma arquitectura urbana. Esta categorização prende-se com as questões levantadas no capítulo anterior, de onde definimos cinco temas estruturantes para a decorrência de uma arquitectura urbana. São eles: o programa, a escala, a singularidade, a permanência e a morfologia.

⁵¹ Entendemos o objecto no sentido abstracto, "o que é a ocasião ou matéria de um pensamento, de uma reflexão" como tal: uma entidade circunscrita, delimitada e individualizável no tempo e no espaço, no entanto, contextualizada e sujeita a condicionantes. O objecto apresenta-se-nos assim, não como uma *coisa* descontextualizada mas sim como "*qualquer coisa sólida susceptível de ser sentida*" in Clément, Élisabeth, Demonque, C., Hansen-Love, L., Kahn, P.(1997) *Dicionário prático de filosofia*. Lisboa: Terramar, 2007. p. 279.

Por uma questão formal, optámos por tratar cada uma destas variáveis em subcapítulos diferentes. No entanto, esta separação serve apenas como ferramenta de análise, pois, na realidade urbana muitas destas características são coincidentes. É importante compreender que a complexidade associada a estas realidades assenta, não apenas, na multiplicidade de variáveis em causa, mas sobretudo nas relações entre elas.⁵²

A organização destes subcapítulos prendeu-se com o intuito de uma analogia com os tempos de projecto; reconhecendo, no entanto, a transversalidade destas questões a todo o processo de projecto.

Longe de esgotar este tema com as categorias apontadas, foi nosso objectivo, acima de tudo, sistematizar questões que ao longo das diferentes fases do projecto se poderão tornar úteis na estruturação do discurso arquitectónico.

Apesar de reconhecermos que algumas das questões aqui levantadas não são da estrita competência dos arquitectos, enquanto agentes urbanos, a sua compreensão é necessária para uma intervenção urbana consciente.

Com vista a uma compreensão holística da complexa realidade que propomos analisar, procuramos esbater as fronteiras disciplinares como metodologia de abordagem à problemática, reconhecendo-lhe, assim, uma multiplicidade e complexidade mais extensa do que a que cabe nas gavetas disciplinares.

⁵² “ (...), não poderá a cidade ser traduzida por um conjunto de partes mas sim por um conjunto de relações entre partes.” **PORTAS**, Nuno, op. cit., p. 122.

Programa

Reconhecemos na questão programática, uma das principais condicionantes na caracterização da *performance* urbana de um edifício. Ou seja, assumimos que o programa, pela sua natureza, pode concorrer para a activação urbana de determinado edifício.

Como verificámos, anteriormente, Ebenezer Howard organiza os diferentes programas em relação ao seu grau de urbanidade através do seu posicionamento em relação ao centro da cidade-jardim.⁵³

Este reconhecimento dos diferentes graus de urbanidade dos programas é uma decorrência da nossa estruturação política da cidade. Veja-se, por exemplo, a distinção que fazemos entre *programas públicos* e *programas privados*. Ao assumirmos esta classificação, assumimos que, à partida, os primeiros detêm um maior potencial urbano, pela sua própria essência.

Os programas públicos são essencialmente uma decorrência urbana, uma consequência da cidade, a sua matéria-prima primordial. O programa público é um problema urbano *per si*, isto é, detém valores e significados coincidentes com os da cidade. As causas e consequências de um programa público são sempre urbanas, sendo a única variável a sua área de influência. Pelos valores de comunidade que representam acarretam o propósito de serem elementos significantes no tecido urbano.

Neste sentido, torna-se interessante analisar o mapa que Giambattista Nolli apresentou da cidade de Roma.⁵⁴ A originalidade deste documento prende-se com o facto de o autor, para além das questões da morfologia urbana e da topografia, representar, também, o piso térreo dos edifícios públicos incorporando-os, deste modo, na estrutura

⁵³ Consultar o capítulo: *O objecto finito - A Cidade-Jardim*.

⁵⁴ Publicado em 1748, em resposta a uma encomenda do papa Benedito XIV. In **TICE, Jim**, *The interactive Nolli Map Website*, Estados Unidos: University of Oregon Dept of Architecture [consult. 15/10/2013] disponível em: <<http://nolli.uoregon.edu/default.asp>>

urbana. Desta maneira, Nolli reconhece a estes edifícios uma urbanidade eminente, uma decorrência essencialmente programática.

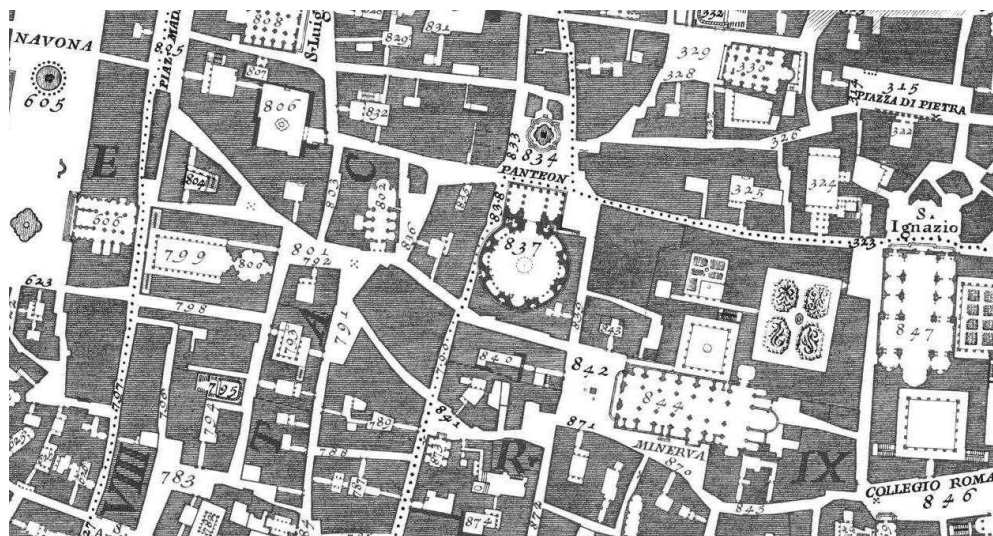


fig. 6- *Planta de Roma*. **NOLLI**, Giambattista. Roma, 1748.

No entanto, a dicotomia público-privado não é uma questão que se possa analisar em termos absolutos, ou seja, é fundamental compreender a pertinência de um determinado programa para um determinado local. Por outras palavras, por muito urbano que seja um determinado programa, ele será sempre mais activo na cidade se for original ou se for uma necessidade urbana. A redundância programática esbate os efeitos urbanos, tanto como a pertinência os enaltece.

Contudo, a questão programática não se esgota apenas na pertinência e na dicotomia entre programas públicos e privados.

As estratégias multifuncionais, desde há muito utilizadas na arquitectura, são em certa medida, uma forma de fazer coincidir uma característica urbana com uma estrutura arquitectónica. Tal não se verifica simplesmente para variedade de funções, mas sobretudo pela mescla de esferas privadas e esferas públicas dentro do próprio edifício.

*"Quanto mais fortemente se exercita a polarização e mais estreita é a relação de intercâmbio entre a esfera pública e a privada mais urbana é a cidade"*⁵⁵; e por analogia, o edifício.

Nestes casos, os limites internos do edifício assumem uma dimensão urbana, pois, articulam várias unidades programáticas conceptualmente independentes, contribuindo para a fragmentação da estrutura arquitectónica. As partes ganham autonomia e o próprio edifício, à imagem da cidade, torna-se um conjunto de partes⁵⁶.

Neste sentido, Alberti questiona:

*"Se, como mantêm os filósofos, a cidade é como uma casa grande e a casa por sua vez uma pequena cidade, não podem as várias partes da casa ser consideradas miniaturas de edifícios?"*⁵⁷

Acreditamos que esta questão toma especial relevância em edifícios híbridos e multifuncionais, onde a fragmentação necessária a cada uma das funções é análoga à fragmentação observada nas estruturas urbanas.

Analisando o edifício *ORIENTE COMPLEX* do ateliê PROMONTÓRIO, no Parque das Nações, em Lisboa, observamos que apesar da imagem homogénea do edifício, este é, na realidade, a agregação de três volumes programaticamente diferentes. *"O projecto resulta da junção num único quarteirão de duas cooperativas com diferentes programas, nomeadamente escritórios, habitação e comércio"*⁵⁸. Neste sentido o edifício adquire uma complexidade funcional referente a uma estruturação urbana.

⁵⁵ **BAHRDT**, Hans Paul, cit por **ROSSI**, A., op. cit., p. 127.

⁵⁶ Como veremos mais á frente a questão da autonomia será recorrente ao longo das próximas categorias de análise.

⁵⁷ **Alberti**, L. B. (1485). *De Re Aedificatoria*. Firenze: Nicolaus Laurentii (texto policopiado), Livro I, Cap. 9, p. 33.

⁵⁸ **PROMONTÓRIO**, *Oriente Complex*, Lisboa: 2004. p. 3. [Consult. 21/01/2014] Disponível em:

<http://www.promontorio.net/userfiles/projects_more/pdf/oriente_complex.pdf>

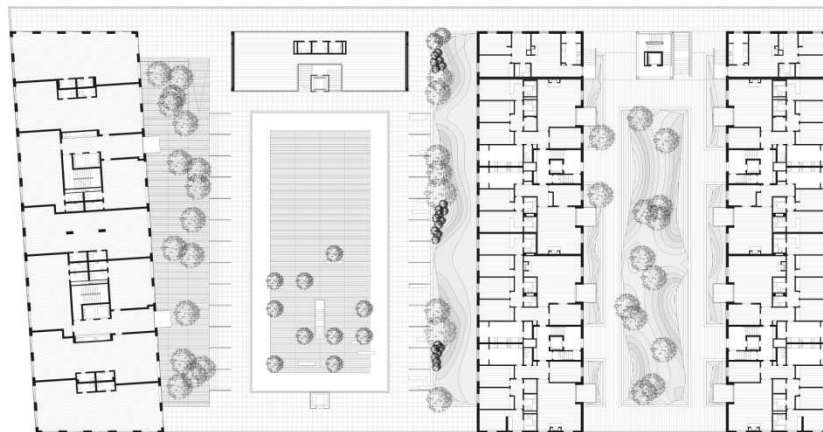
Os arquitectos optaram por, sobre um embasamento que funciona como uma cintura comercial, pousar dois volumes distintos: a área referente à habitação, em forma de “U”, gerando sobre este embasamento um pátio semi-encerrado; e a área de escritórios, assente sobre o nível da rua que origina, por sua vez, uma pequena praça; Por fim, um pequeno volume de serviços pontua o topo Este do embasamento.⁵⁹

Interessa-nos, neste exemplo, assinalar a organização da unidade arquitectónica por via de volumes programáticos distintos articulados entre si. A complexidade programática associada a este edifício foi condicionante para a estruturação do mesmo, no entanto, a articulação desta complexidade contribuiu para um discurso análogo ao discurso urbano, neste sentido, os arquitectos geram espaços como a praça e o pátio que detêm um carácter eminentemente urbano. A organização programática assume-se, neste caso, como uma referência aos discursos urbanos funcionalistas.

⁵⁹ **AFONSO**, João, **MILHEIRO**, Ana Vaz. *Habitar Portugal 2003/2004*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006. p. 138-139.



fig. 7 - *Oriente Complex*. **PROMONTÓRIO**. Lisboa, 2004. Vista.



n level plan

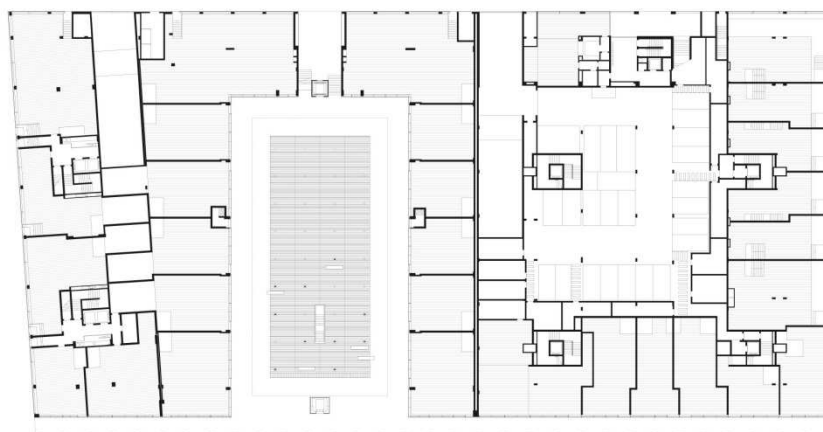


fig. 8 - *Oriente Complex*. **PROMONTÓRIO**. Lisboa, 2004. Plantas.

Escala

Existem determinados programas que, pela sua extensão, são verdadeiros problemas urbanos. Programas que, pelo seu volume e dimensão, sugerem uma série de implicações arquitectónicas e urbanas dignas de consideração.

Optámos por distinguir a questão da escala das questões programáticas por entendermos que estas, na nossa estrutura de análise, se centrariam mais em questões relativas ao conteúdo programático, enquanto que a escala, por si só, poderia ser considerada uma questão formal, autónoma do conteúdo programático e, no entanto, relacionada.

A questão da escala foi alvo de uma verdadeira revolução devido, essencialmente, a um conjunto de avanços tecnológicos, no final do século XIX. Estes vieram permitir que, tanto os programas como as estruturas arquitectónicas aumentassem desmesuradamente a sua dimensão. Este crescimento, mais notável em determinadas zonas do planeta onde os constrangimentos da história não se faziam sentir, permitiu novos modos de experimentação arquitectónica balizados apenas pelos limites da técnica.

Em *Delirious New York*, Koolhaas relata-nos como Manhattan foi um destes *laboratórios experimentais*⁶⁰ motivado por uma forte componente quantitativa e desconsiderando, muitas vezes, os aspectos qualitativos.

Os efeitos da escala no objecto arquitectónico vieram, mais tarde, a ser tratados pelo mesmo autor no ensaio "*Bigness, or the problem of the large*"⁶¹. Koolhaas define, então, os cinco teoremas-base da grandeza: a *autonomia das suas partes*; a *lobotomia*; o *elevador*; o impacto independente da qualidade arquitectónica; e a coexistência com a

⁶⁰ KOOLHAAS, Rem, trad. Jorge Sainz (1978) *Delirio de Nueva York: Un manifesto retroactivo para Manhattan*. Barcelona. Gustavo Gili, 2004.

⁶¹ publicado na revista *Domus*, 76, Outubro do 1994, p 87-90 e reeditado em KOOLHAS, Rem, MAU, Bruce. S, M, L, XL, Roterdão: 010 Publishers, 1995. p. 495-517.

cidade⁶². Estes teoremas serão, segundo o autor, causas e consequências do problema da grandeza e como tal têm repercussões quer a nível do edifício quer a nível da cidade.

Com o objectivo de melhor estruturar a nossa argumentação, optámos por classificar os três primeiros de carácter essencialmente arquitectónico e de carácter essencialmente urbano os dois últimos. Uma vez mais se ressalva que, esta classificação serve apenas para melhor sistematizar os argumentos e que a complexidade destas questões se prende por uma dialéctica entre todas elas. Nesse sentido, abordaremos primeiro as questões de carácter arquitectónico, permitindo-nos isolar o objecto e compreender as implicações da grandeza na estrutura espacial deste.

Pela sua dimensão e complexidade, o edifício deixa de poder ser controlado por um único gesto arquitectónico, o que despoleta uma *autonomia das partes*, transformando o edifício numa pequena cidade. Este processo de autonomia requer o esforço projectual de criar um sistema, em tudo similar ao da cidade, que dê coerência ao conjunto saindo este reforçado, segundo o autor, pela heterogeneidade dessas partes.

Deste modo, a fachada torna-se um invólucro *autónomo* do próprio projecto, um sub-projecto como tantos outros. Esta ideia é referida por Koolhaas como *lobotomia*, um corte metodológico entre o interior e a fachada, que diz respeito ao abandono da ideia de que a fachada deve transparecer o que se passa no interior do edifício. Posto isto, a *imagem urbana* do projecto torna-se independente do próprio projecto.

Como podemos observar, existe, no problema da grandeza, uma forte tendência para fragmentar e autonomizar. No entanto, para o necessário funcionamento do projecto torna-se necessária a articulação entre todas as partes. Tal é feito através de um *sistema de circulações*, em tudo conceptualmente idêntico ao da cidade. Muitas das vezes estes sistemas, pela dimensão e complexidade, tornam-se também eles autónomos ao próprio edifício, apoiando-se apenas nalguns pontos de conexão, para justificarem a sua existência. Deste modo, têm um efeito paradoxal na experiência arquitectónica, isto é, unem ao mesmo tempo que separam, ou seja, distorcem a própria noção de distância. Do

⁶² KOOLHAAS, Rem. *Três Textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010. p. 13-27.

ponto de vista da experiência arquitectónica, estes *sistemas* podem fazer com que, por um lado, espaços distantes estejam a segundos de distância, por outro lado, por serem sistemas herméticos, fragmentem as relações espaciais dentro do edifício.

Neste sentido, entendemos a grandeza como uma força fracturante da estrutura arquitectónica, isto é, o objecto torna-se um agregado de partes.⁶³

Analizadas as implicações arquitectónicas da grandeza, interessa-nos agora compreender os seus efeitos na cidade circundante.

Koolhaas defende que, do ponto de vista urbano, o impacto da *grandeza* é independente da sua qualidade, isto é, a escala de actividades é de tal forma desmesurável que o programa por si só, vai alterar as dinâmicas urbanas da envolvente. A movimentação de tamanha quantidade de recursos para um determinado local, de uma só vez, cria uma certa descontinuidade na envolvente, como consequência disto o *edifício existe, quando muito coexiste, com a envolvente*⁶⁴. A grandeza é por isso uma *cidade dentro da cidade*, uma estruturação arquitectónica referenciada na cidade, *ela é em si urbana*.

Neste sentido, veja-se, por exemplo, o caso do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, construído numa situação de confronto entre a escala monumental da Praça do Império e a pequena escala do tecido urbano a poente. O edifício, com 14000 m² divide-se em cinco módulos funcionalmente distintos: o centro de reuniões, o centro de espectáculos, o centro de exposições, instalações hoteleiras e equipamentos complementares de apoio.⁶⁵

Com o objectivo de, por um lado, dissimular a presença do edifício, sobretudo em relação ao mosteiro dos Jerónimos, por outro, integrar o edifício na cidade, os arquitectos, Vittorio Gregotti e o ateliê RISCO, desconstroem a massa do edifício através da criação de

⁶³ À semelhança da cidade advogada por Rossi.

⁶⁴ KOOLHAAS, Rem. op. cit. p. 26.

⁶⁵ Dos quais apenas os três primeiros estão actualmente construídos. RISCO, *Centro Cultural de Belém*. [Consult. 21/01/2014] Disponível em: <http://www.risco.org/pt/02_10_ccb.jsp>

“um eixo pedonal de múltiplos níveis, organizando um sistema de espaços que sugerem uma complexidade urbana, enquanto mantêm a sequência de open-spaces, uma proeminente característica da frente ribeirinha”⁶⁶.

A escala do edifício permite, neste sentido, uma organização referenciada no discurso urbano. Como tal, o edifício torna-se uma presença urbana activa. Como explica Manuel Salgado, do ateliê RISCO, *“o conjunto, desenha uma estrutura urbana ortogonal, compacta, que fecha o lado poente da Praça do Império. É composto por cinco módulos atravessados por ruas que permitem a permeabilidade e o movimento do público.”⁶⁷*

⁶⁶ GREGOTTI , Vittorio, (1995) *Vittorio Gregotti & Associates*. Bolonha: Rizzoli, 1995. p. 80-86 (tradução do autor)

⁶⁷ RISCO, *op. cit.*, (s.p.)

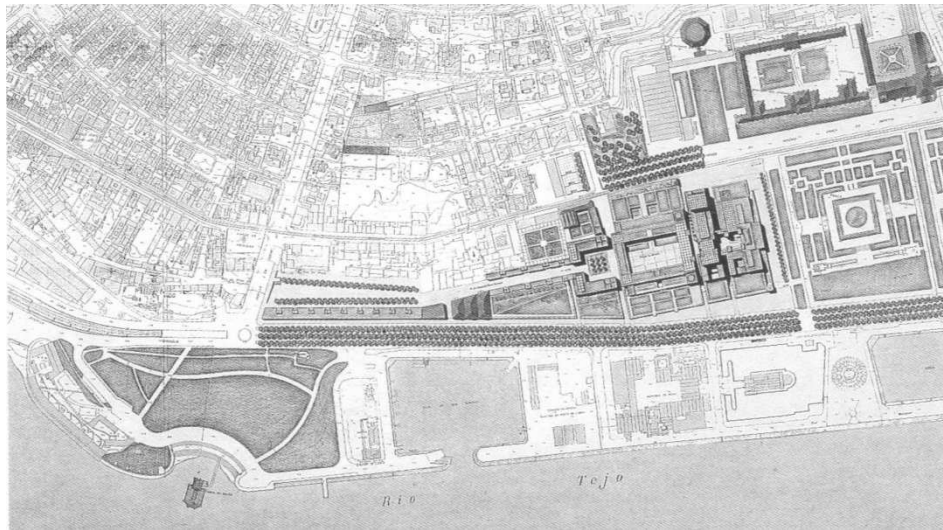


fig. 9 - *Centro Cultural de Belém*. GREGOTTI, Vittorio, RISCO. Lisboa, 1992. Planta geral.



fig. 10 - *Centro Cultural de Belém*. GREGOTTI, Vittorio, RISCO. Lisboa, 1992. Vista.

Singularidade

Reconhecendo que o programa, sobretudo através da sua pertinência, ou a escala, pela descontinuidade que provoca no tecido urbano, poderão concorrer para a singularidade de uma determinada estrutura arquitectónica, a questão é, no entanto, tão mais complexa que nos obriga a abordá-la separadamente.

Ao referir a questão da singularidade, referimo-nos sobretudo às ideias de contraste e individualidade. Quando apontámos as questões sobre a heterogeneidade, nos capítulos precedentes, antecipávamos a existência de um determinado grau de contraste concebível numa determinada estrutura urbana. No entanto, essa *monotonia do contraste* é muitas vezes interrompida por elementos que se podem considerar singulares. Elementos marcantes e essenciais à estruturação da cidade enquanto imagem perceptiva.

Em *A Imagem da Cidade*, Kevin Lynch interessa-se sobretudo pelo papel que determinados elementos têm na estruturação mental da *imagem da cidade*, definindo um tipo de elementos compositivos dessa imagem como *elementos marcantes* ⁶⁸. Estes elementos são, segundo o autor, pontos de referência que clarificam as composições urbanas, sendo estruturantes na organização psicogeográfica que o utilizador tem da cidade.

Lynch define a *originalidade* como *característica-chave* destes elementos, denotando a forma como estes se circunscrevem da envolvente, criando uma relação de contraste. Esse contraste aumenta a sua imaginabilidade⁶⁹, o seu reconhecimento, logo, o seu significado. A clareza formal, a predominância sobre o conjunto, ou um posicionamento de destaque na malha urbana, são características que realçam ainda mais

⁶⁸ Ver: LYNCH, Kevin .(1960) *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 90-95.

⁶⁹ Ver LYNCH, Kevin . op. cit. p. 19-23.

a singularidade do objecto, assim como, “*associações históricas ou outros significados são reforços poderosos da imaginabilidade do edifício*”⁷⁰.

Parece-nos, nesse sentido, essencial referir a *imagem do edifício* como uma das principais características para a formulação desta identidade e singularidade arquitectónica. Esta imagem torna-se significativa da estrutura urbana, o subprojecto da fachada⁷¹ torna-se essencialmente urbano.

A questão da imagem facilmente se torna uma questão iconográfica, transformando o edifício num ícone. Pela busca de uma clareza formal extrema, que facilite o reconhecimento, o edifício torna-se uma imagem dele mesmo ou até da própria cidade.

Um exemplo paradigmático deste fenómeno é a torre AGBAR, do arquitecto francês Jean Nouvel, em Barcelona. Inaugurada em 2005, a torre de 142 metros de altura encerra em si a sede corporativa da empresa AGBAR.

A sua forma cilíndrica e a sua altura tornam a torre visível de múltiplos pontos de vista na cidade de Barcelona. Esta situação sai reforçada visto a altura média dos edifícios comuns em Barcelona ser bastante inferior e a homogeneidade da fachada contribuir para uma imagem única. O edifício é, neste sentido, um marco na cidade, servindo de referente para a nossa posição relativa.

Desde a sua inauguração em 2005, o edifício foi-se tornando uma imagem de marca da cidade, servindo de referente a um grupo cada vez mais alargado de pessoas. A par de monumentos como a Sagrada Família ou a casa Batlló, a torre AGBAR é hoje um meio de promoção da cidade.

⁷⁰ Idem, p. 92.

⁷¹ Ver capítulo Escala, onde referimos a *lobotomia* como a separação conceptual entre o edifício e a sua fachada, tornando-se esta um subprojecto arquitectónico. KOOLHAAS, Rem. *op. cit.*, p. 13-27.

Neste exemplo extremo, identificamos como a singularidade de um determinado edifício pode influir na imagem da própria cidade, tornando-se a imagem do edifício referente à imagem da própria cidade.



fig. 11 - Torre AGBAR, **NOUVEL**, Jean. Barcelona, 2005. Contexto.

Nem todos os casos são tão extremos como o da torre AGBAR, um edifício pode ser um referente à escala de um bairro ou à escala de uma rua ou praça.

Veja-se por exemplo a relação entre a Casa de Brás de Albuquerque, também conhecida como Casa dos Bicos, e o Campo das Cebolas.

Este edifício, mandado construir no séc. XVI, por Brás de Albuquerque, tem uma clara influência do renascimento italiano, em especial do *Palazzo dei Diamanti* em Ferrara. A obra, segundo alguns autores, da autoria do arquitecto Francisco de Arruda, apresenta uma planta rectangular que foi, ao longo do tempo alterada com vista a acolher os diferentes usos: habitação, armazém e finalmente núcleo museológico. No entanto, o que torna este edifício singular é a sua fachada, isto é, a sua imagem urbana. O *aparelho em*

pontas de diamante, que originou o nome "*Casa dos Bicos*"⁷², apresenta-se como uma peculiaridade na cidade de Lisboa.

Neste sentido, este edifício, não só condiciona a nossa imagem perceptiva do largo, tornando-se a sua localização uma referência no próprio largo, mas também a própria imagem do largo na cidade fica referenciada ao edifício.

Este edifício, apesar de um programa anónimo e uma escala relativamente pequena, demonstra-se capaz de ser um referente do próprio Campo das Cebolas, pela sua singularidade. A linguagem da fachada torna o edifício reconhecível e a sua imagem impõe-se sobre as restantes funcionando como uma referência à pequena escala.



fig. 12 - *Casa Brás de Albuquerque*. **ARRUDA**, Francisco. Lisboa. Também denominada "*Casa dos Bicos*". Fachada.

⁷² **OLIVEIRA**, Catarina. *Casa dos Bicos - detalhe* [on-line] Direcção-Geral do Património Cultural, Julho de 2012 [Consult. 21/1/2014] Disponível em: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70460/>

Permanência

*" Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes."*⁷³

A cidade é, segundo alguns autores, uma entidade histórica⁷⁴, deste modo, entendemos a permanência como uma característica eminentemente urbana. A permanência da arquitectura pode tomar duas vertentes distintas: pode ser uma decorrência histórica, ou seja, pelas vicissitudes históricas, um determinado edifício torna-se uma permanência; ou pode ser um propósito inicial de projecto, isto é, a estruturação arquitectónica é condicionada para que este se torne uma permanência. Neste sentido, definimos o primeiro caso como Diacronismo Passivo e o segundo como Diacronismo activo, procurando, deste modo organizar a nossa estrutura de análise.

Diacronismo Passivo

As cidades são extensivas tanto no espaço como no tempo, os seus ciclos temporais superam os nossos. Deste ponto de vista, a temporalidade dos factos urbanos divide-os em dois grupos: aqueles cujos ciclos são inferiores ou iguais aos nossos e aqueles cujos ciclos são superiores aos nossos, ou seja, temporários e permanentes.

⁷³ CALVINO, Italo - *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema, 2003.p 14-15.

⁷⁴ Ver: Fernando Chueca Goitia, Aldo Rossi ou Manfredo Tafuri.

Se os primeiros são significantes de um determinado tempo na cidade, os segundos tornam-se referentes da própria estrutura urbana⁷⁵, isto é, pela *permanência* tornam-se significantes da própria cidade. É certo que a questão das permanências é, em si, bastante mais complexa pois existem diferentes formas para que tal aconteça.

Interessa-nos, contudo, compreender de que forma as *permanências* podem contribuir para a transformação de uma estrutura arquitectónica numa estrutura urbana.

Segundo Rossi, as permanências são como um “*passado que ainda experimentamos*”⁷⁶. Baseando-se nas teorias de Poète e de Lavedan, o autor fala-nos da forma como as permanências podem figurar no tecido urbano: “(...) *estas podem revelar-se através dos monumentos, os sinais físicos do passado e ainda através da persistência dos traçados e do plano*”⁷⁷. O reconhecimento da permanência do plano é, a nosso ver, um dos principais factores que conflui para o diacronismo da cidade; esta reconhece a cidade como um *continuum*, uma construção permanentemente associada ao passado.

Esta sobreposição de *estratos históricos* é característica do ambiente urbano. No entanto, resulta numa alteração da *circunstância* destas permanências. Em resposta a esta alteração, Rossi esclarece que algumas destas permanências se tornam *elementos patológicos*, por conceberem um ambiente “*de uma função em si mesma isolada já da estrutura*”⁷⁸, criando um anacronismo e, portanto, uma *aberração* na estrutura da cidade. Outras, por sua vez, pela adaptação às novas dinâmicas urbanas, tornam-se elementos de *vitalidade*, pontos de actividade e elementos propulsores.

Um dos exemplos mais recorrentes para a demonstração da vitalidade de certas permanências urbanas é o *Palazzo della Ragione* em Pádua. Construído em 1218, o edifício sofreu várias transformações ao longo do tempo, transformando-o num facto urbano de especial interesse. “*Apercebemo-nos de que, se o facto arquitectónico que nós examinámos*

⁷⁵ “A forma da cidade é sempre a forma de um tempo de cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade” ROSSI, A., op. cit., p. 80.

⁷⁶ Idem, p. 75.

⁷⁷ Idem, p. 76

⁷⁸ Idem, p. 77.

*fosse, por exemplo, construído recentemente, não teria o mesmo valor*⁷⁹. Neste sentido, o tempo veio consagrar uma estrutura arquitectónica como um facto urbano.

Relativos também à questão diacrónica, mas com uma estruturação inteiramente diferente encontramos os casos dos anfiteatros de Nîmes e Arles que, com o final da *pax romana*, se vêem transformados em pequenas cidades ou fortalezas, adquirindo assim um carácter comunitário. Rossi associa esta capacidade de transformação a uma estruturação clara e precisa.

Não é certo que os arquitectos que projectaram estes edifícios possam ter previsto tais apropriações dos seus projectos. Acreditamos, no entanto, que a estruturação espacial com que resolveram estes edifícios muito teve a ver com as possibilidades ocorridas.

⁷⁹ Idem, p. 45.

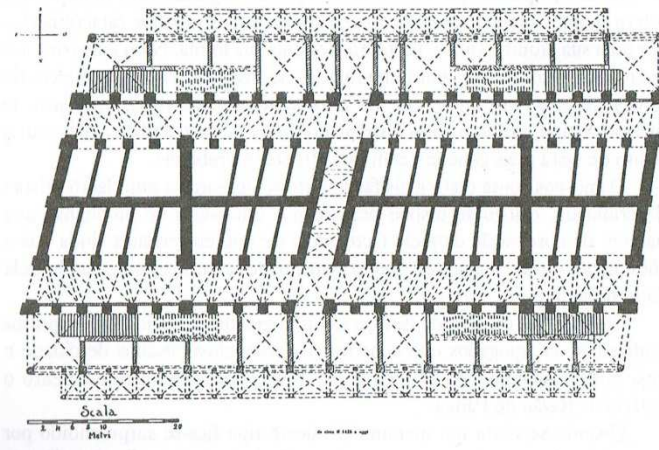
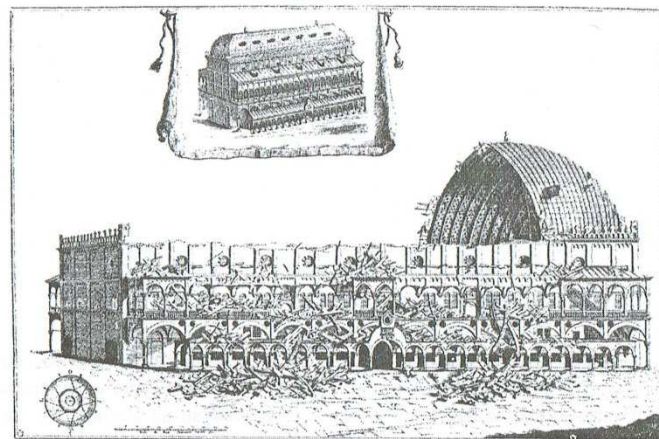


fig. 13 - Palácio da Razão. Pádua, Itália: 1425. In ROSSI, Aldo. 2001.

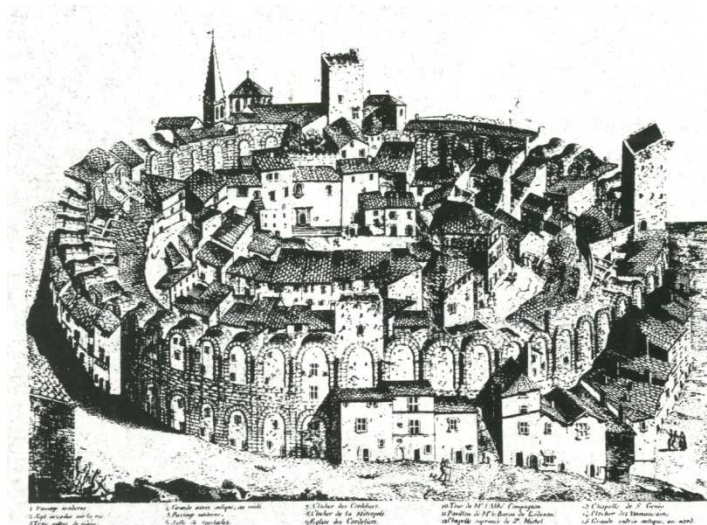


fig. 14 - Anfiteatro de Arles. Arles, França. In HERTZBERGER, Herman. 1991.

Diacronismo Activo

Se, como vimos, pelos mais variados motivos, algumas estruturas arquitectónicas, pela *permanência*, se tornam factos urbanos, outras há que foram desenhadas com esse intuito, ou seja, o diacronismo era entendido como uma decorrência natural do passar do tempo e o edifício era preparado para lidar com essas pressões, antevendo mudanças de uso e novas possibilidades de apropriação na equação projectual.

Quando em 1962, Jacob Bakema⁸⁰ publica um artigo com o título "*An Emperor's House at Split became a Town for 3000 People*", onde descreve como um aglomerado urbano "*germinou no interior das paredes externas delimitadoras do palácio de Diocleciano, construído cerca de 300 a.c.*"⁸¹, reacende a discussão sobre a "*capacidade de adaptação de uma estrutura física, delimitada claramente, em se transformar numa estrutura urbana consolidada*"⁸². Bakema, interessa-se sobretudo pela capacidade de adaptação a um novo uso ou função, reconhecendo a capacidade que algumas estruturas arquitectónicas têm em tornarem-se estruturas urbanas.

⁸⁰ **BAKEMA**, Jacob. *An Emperor's House at Split became a Town for 3000 People*, in Forum 2, 1962, pg 45/78, cit. por: **TZONIS**, A. *Beyond Zip-a-tone, Into Space/Time*, in Architectural Association, Exemplary Projects 3, Londres, 1999. p. 119-140.

⁸¹ O palácio mandado construir pelo imperador romano Diocleciano (244-311 d.c.) para ser a residência imperial, foi mais tarde ocupado pela população de Saloma que procurava refúgio dos povos bárbaros. Com a transferência do bispado para aí todo o palácio foi alvo de um processo de reestruturação, adaptando a estrutura ao novo uso. Do antigo palácio apenas restam o antigo Mausoléu (actual Catedral), o templo de Júpiter (actual Baptistério), o peristilo e o vestíbulo de entrada. No entanto ainda é possível reconhecer principais eixos de circulação. In **LOUSA**, A. *op. cit.*, p 63.

⁸² Ibidem.

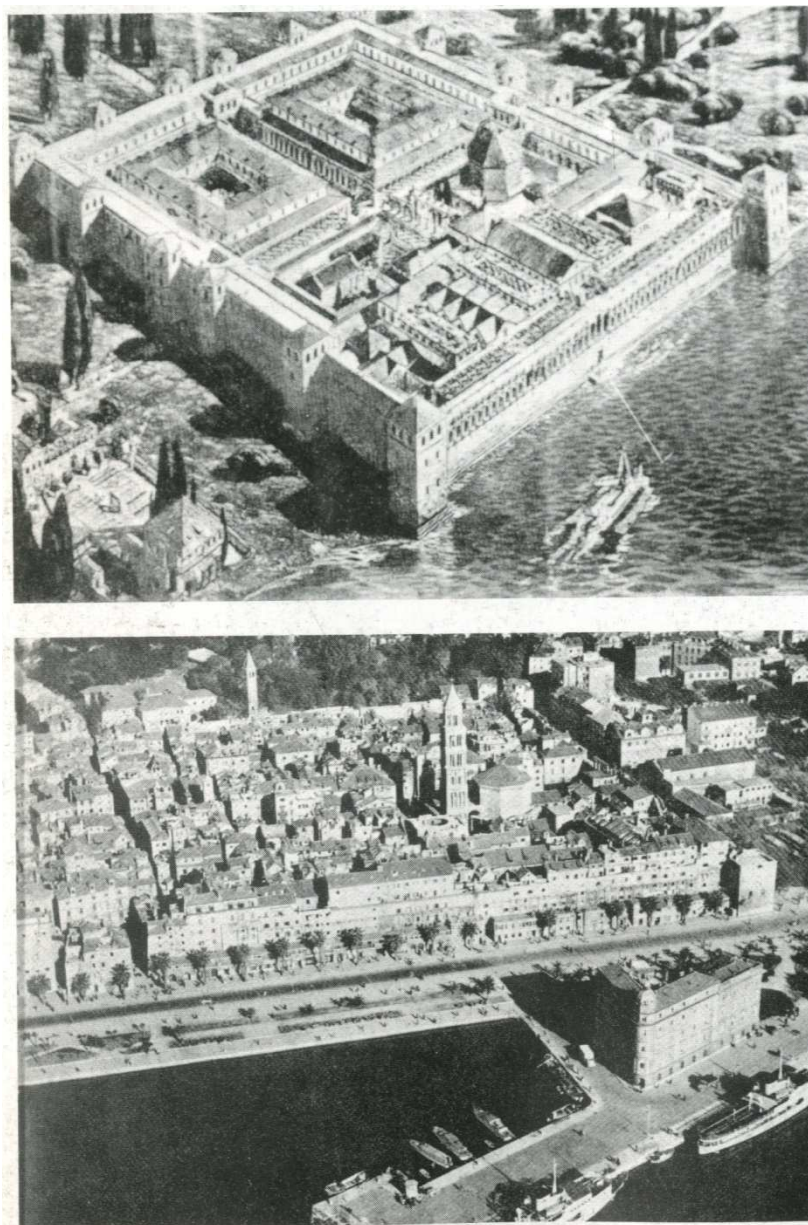


fig. 15 - *Palácio Diocleciano*. Split, Croácia in **HERTZBERGER**, Herman. 1991.

Muita da pesquisa arquitectónica da segunda metade do século XX abordou estes temas, da qual nos parece importante referir o caso concreto dos *Mat-buildings*, conceito cunhado por Alison Smithson no artigo "How to read and recognize a Mat-building"⁸³, por procurarem sintetizar as questões acima referidas. A questão da mudança de usos e funções era tida como uma capacidade decorrente da estruturação inicial, como enuncia A. Smithson: "*perpetuamos um entorno em que algumas coisas são centrais e outras não, sem no entanto determinar que coisas pertencem a cada categoria*"⁸⁴. O edifício assume um determinado grau de indeterminação.

O desenho do projecto passa a uma acepção de entidade sistémica e matricial, que prevê uma variedade de cenários futuros dentro de umas determinadas possibilidades de adaptação e de crescimento, introduzindo a variável temporal na equação projectual.

Neste sentido, Lousa identifica como uma das premissas para a formação do conceito de edifício-cidade⁸⁵, a ideia de "*objectos arquitectónicos como referenciáveis à estruturação urbana, edifícios que se estruturam a partir dos arquétipos espaciais da cidade histórica consolidada. Reconhecemos neles mais do que uma vontade de forma (...)*"⁸⁶ uma vontade de processo. Um recriar da cidade e das dinâmicas urbanas dentro da escala arquitectónica.

Partindo do desejo de definição total da cidade, de um pensamento utópico estruturante de um sentido formal e relacional, que possa eventualmente ser concretizado a uma escala de objecto arquitectónico, como que um protótipo experimental de uma realidade mais abrangente e complexa.

⁸³ SMITHSON, A. (1974) *How to Recognize and Read Mat Building*. DPA-UPC, nº 27/28 .Barcelona: 2001 p. 6. [Consult. 5/5/2013] Disponível em: <<http://revista.dpa.upc.edu/02%20ARCHIVO/DPA%2027/dpa27-issuu.html>> (tradução do autor)

⁸⁴ SMITHSON, A. op. cit., p. 6 (tradução do autor)

⁸⁵ Edifício-cidade é uma das traduções que o autor utiliza para se referir aos *Mat-Buildings*.

⁸⁶ LOUSA, A. op. cit., p.7.

Ao longo dos anos vários foram os autores que revisitaram o conceito. Apesar de, entendermos que a relação cidade- arquitectura não se esgota nesta tipologia de edifícios, consideramos que estas pesquisas ajudaram, em muito, à clarificação desta relação.

A questão da permanência, na nossa perspectiva, mais do que uma decorrência arquitectónica, é uma decorrência urbana contribuindo deste modo para uma activação de uma determinada arquitectura na cidade.

Se no caso do diacronismo passivo a cidade convoca determinado edifício para esta activação, no caso do diacronismo activo o edifício é construído com esse intuito, necessitando, apesar disso, da mesma convocação por parte da cidade. Isto é, o diacronismo, enquanto característica essencialmente urbana, assume-se tanto nos edifícios que o tomaram em linha de conta na sua concepção como naqueles em que tal não aconteceu.

Neste sentido, assumimos que por muito que o diacronismo seja uma intenção projectual ele será em última instância uma consequência urbana. Deste modo, podemos concluir que mais do que fazer projectos especulativos sobre futuras apropriações, poderemos entender a continuidade histórica da cidade como ferramenta projectual, assumindo o passado como condicionante das estruturas arquitectónicas.

Morfologia

Ao longo deste trabalho, considerámos “a possibilidade de considerar a forma arquitectónica como o ponto de entrada no projecto da cidade”⁸⁷ uma abordagem legítima à problemática da forma urbana.

Entender a forma arquitectónica como elemento activo da estruturação urbana, implica entendê-la como elemento circunscrito e em constante relação com a forma urbana. A relação, porventura, mais evidente prende-se com a questão dos próprios limites da forma. Se, por um lado eles definem um *interior arquitectónico*, por outro, definem um *exterior urbano*, isto é, existe uma associação directa entre a forma interior e forma exterior.

A forma enquanto entidade delimitadora pertence aos dois âmbitos. Bruno Zevi explora esta ideia, na sua abordagem sobre os problemas da representação arquitectónica, ao executar uma série de operações gestálticas sobre uma planta da Basílica de São Pedro, em Roma, conclui: “*Michelangelo não concebeu, separadamente, primeiro o interior da basílica e depois o exterior: ele criou todo o conjunto de S. Pedro ao mesmo tempo*”⁸⁸. Este argumento reflecte a complexidade e o cuidado necessário ao analisar as questões morfológicas na cidade. A forma é resultado de uma relação dialéctica entre pressões arquitectónicas e urbanas.

Existem diferentes maneiras de lidar com as pressões urbanas. Interessa-nos, no entanto, as estratégias que assumem, morfologicamente, estas pressões e se ajustam em favor de uma caracterização do espaço urbano. Como tal, entendemos a forma arquitectónica como uma afirmação do edifício na cidade, uma forma deste se pôr em relação ao contexto urbano.

⁸⁷ AURELI, P. V. op. cit., p. 227. (tradução do autor)

⁸⁸ ZEVI, Bruno (1918). *Saber ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed., 1996.p. 29-46.

Em certos casos esta afirmação torna-se tão fracturante que influencia a própria envolvente urbana. Nesse sentido, veja-se ainda no caso da Basílica de São Pedro⁸⁹ que ao longo do tempo foi consolidando a noção de axialidade no próprio tecido urbano.

Esta ideia, presente desde a planta de Michelangelo e sublinhada na ampliação realizada por Maderno, foi confrontada pela praça planeada por Bernini. O arquitecto concebe uma praça simétrica à fachada do edifício, circunscrita por uma colunata. Esta praça assume o conjunto como um sistema de cheio e vazio, respectivamente Basílica e praça, estabilizando, deste modo, o eixo presente nas operações anteriores. Esta vontade torna-se evidente, sobretudo, pelo deslocamento das entradas para fora deste eixo.

Apesar desta vontade, as pressões geradas pelo eixo mantêm-se até que, já durante o regime fascista, parte da colunata é demolida, prolongando o eixo até ao Tibre através da *Via della Conciliazione*. Nesse sentido, arriscamos dizer que a via é uma consequência da própria basílica.

Claro está que nem todos os edifícios têm um papel tão activo na proximidade urbana. A basílica de São Pedro consiste num caso excepcional e existem bastantes variáveis a considerar para além das referidas. O importante a reter, deste exemplo, é a possibilidade de condicionamento de estruturas urbanas a partir de estruturas arquitectónicas.

⁸⁹ Ver Hertzberger, Herman. *Lessons for students in architecture*. Rotterdam, 1991. p. 258-261

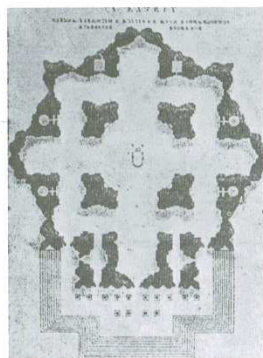
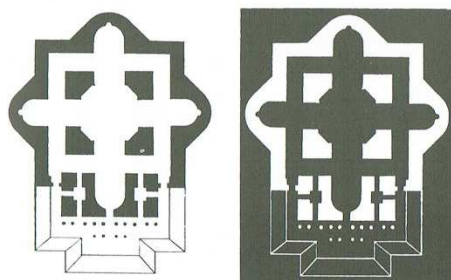
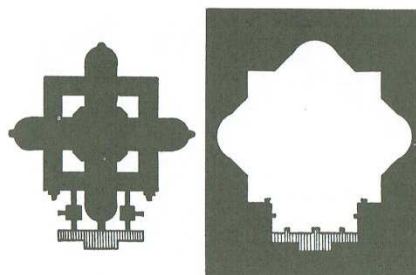


Fig. 1 – Michelangelo: projeto da Basílica de São Pedro, em Roma (c. 1520). Planta (segundo Bonanni). Ver Quadro 19.



Figs. 2 e 3 – A planta da Figura 1, simplificada, e seu negativo fotográfico.



Figs. 4 e 5 – o espaço interior e o espaço exterior da Figura 1.

fig. 16 – Operações gestálticas sobre a planta da Basílica de São Pedro in **ZEVI**, Bruno. 1996.

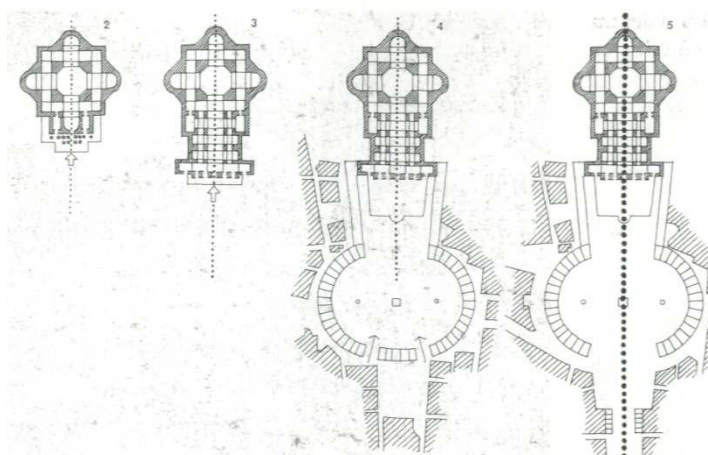


fig. 17 - Axialidade na Basílica de São Pedro Roma in **HERTZBERGER**, Herman. 1991.

Existe um outro tipo de estratégias que, reconhecendo as dinâmicas urbanas na sua forma, se assumem menos impositivas que as anteriores. Para exemplificar esta categoria convocamos a *Megaform*, um conceito cunhado por Kenneth Frampton, em 1999.⁹⁰

Segundo o autor, a *Megaform* caracteriza-se por ser uma organização essencialmente horizontal, que através de uma forma complexa, revela o seu carácter topográfico, uma forma que não sendo autónoma da envolvente se revela, ela própria, uma continuação da topografia. Identificamos nestas estratégias, mais do que uma vontade de condicionar, uma vontade de se integrar na envolvente.

Numa tentativa de clarificação do conceito, o autor apresenta-nos, entre outros, o caso da *Îlla Diagonal* de Rafael Moneo e Manuel de Solá Morales.

A preocupação de integrar a estrutura no tecido envolvente identifica-se, sobretudo ao nível do piso térreo, onde os arquitectos optaram por construir uma laje desnivelada que acompanha o desnível da Avenida Diagonal. Deste modo, a transição entre a rua e o interior do edifício é feita sem recurso a dispositivos arquitectónicos suplementares. O piso térreo é entendido como uma continuação do exterior.

Podemos identificar, já ao nível da planta, esta intenção, pelo papel estruturante que os eixos da envolvente têm na organização do piso térreo. Moneo e Solá Morales propõem uma organização de piso térreo referente ao tecido urbano envolvente, reforçando, deste modo, a continuidade espacial entre edifício e cidade.

A principal diferença que identificamos entre estes dois tipos de estratégias prende-se com a forma como cada um deles lida com as pressões urbanas a que está sujeito.

Procuramos com estes exemplos, mais do que uma comparação, que nos parece à partida desacertada pelas obvias diferenças programáticas, simbólicas e de contexto, um

⁹⁰ **FRAMPTON**, K. *Megarform as Urban Landscape*. EUA: 2009 [pdf] disponível em: http://infotechmfp.files.wordpress.com/2012/03/kframpton_megaform-as-urban-landscape.pdf

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

reconhecimento da influência que, por um lado, o edifício pode ter no tecido urbano, por outro, que a estrutura urbana pode ter no próprio edifício.

Neste sentido, reconhecemos uma operatividade quer da cidade para a com a estruturação arquitectónica, quer da arquitectura para com a estruturação urbana.

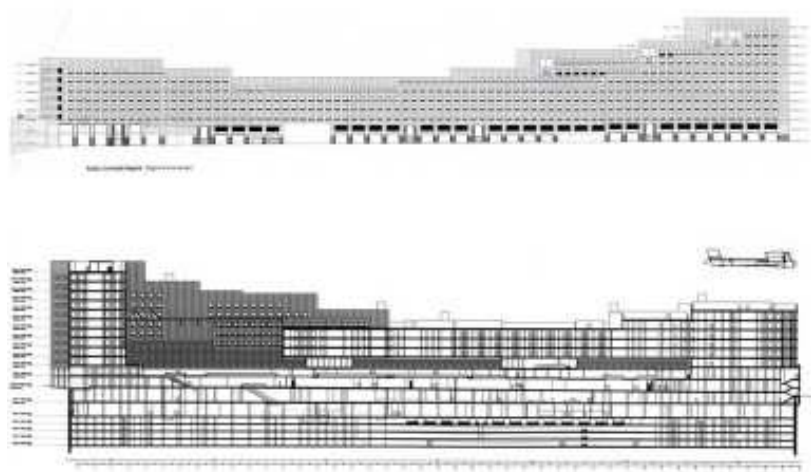


fig. 18 - *Îlla Diagonal*, **MONEO**, Rafael, **SOLÁ-MORALES**, Manuel de. Barcelona . Alçado e secção.

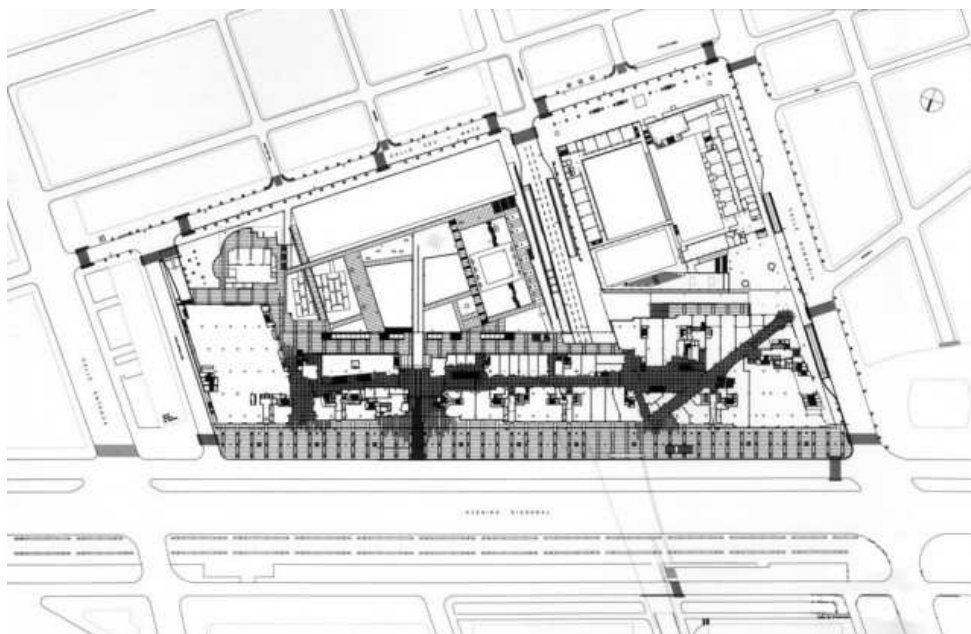


fig. 19 - *Îlla Diagonal*, **MONEO**, Rafael, **SOLÁ-MORALES**, Manuel de. Barcelona. Planta de piso térreo.

Para uma operatividade projectual

Interessa-nos neste ponto do trabalho sistematizar, de forma operativa, as questões anteriormente referidas.

A obra arquitectónica, enquanto matéria urbana, pode assumir um papel activo na estruturação dos tecidos da cidade. O reconhecimento desta possibilidade pode tornar-se essencial na organização arquitectónica. Deste modo, a cidade torna-se um problema de projecto. Apesar de não definimos nenhum conjunto de premissas para que tal aconteça, assumimos, no entanto, que, a favor da coerência do projecto, esta deva ser uma premissa presente desde o início do processo projectual, pois existem questões que concorrem para este objectivo desde as fases mais preliminares do processo.

Interessa-nos ainda referir que entendemos a arquitectura como uma estruturação activa na cidade, e não uma simulação do fenómeno urbano à escala arquitectónica. Ao longo de todo o primeiro capítulo, procuramos elucidar sobre o papel imprescindível que as ideias de cidade e de arquitectura têm na estruturação uma da outra.

Por conseguinte, identificámos um conjunto de questões que consideramos estruturantes de uma verdadeira arquitectura urbana:

Do ponto de vista programático, identificámos como relevante a pertinência programática e a simultaneidade dos âmbitos público e privado como características capazes da activação desejada. No entanto, consideramos ainda importante referir o diferente grau de urbanidade que alguns programas detêm em relação a outros.

Estas questões, ainda que preliminares no processo projectual, são estruturantes da relação entre o edifício e a cidade.

Para além das questões programáticas, identificámos na própria escala de intervenção possibilidades urbanas. A escala, por si só, condiciona a arquitectura a um determinado tipo de esquemas e organizações que coincidem, em muito, com as

problemáticas urbanas. Sendo, neste ponto de vista, um território disciplinar comum tanto à arquitectura como à cidade.

Reconhecemos a capacidade que alguns edifícios têm para se tornarem referentes na nossa imagem perceptiva da cidade. A imagem urbana do edifício pode contribuir para o reconhecimento da própria cidade ou de partes desta. Para que tal aconteça, torna-se necessário concebermos o objecto arquitectónico circunscrito e delimitado como uma singularidade dentro do tecido urbano.

Constatámos que a *permanência* pode concorrer para a activação urbana da estrutura arquitectónica. A permanência ou a vontade de permanência sugerem uma intenção de projecto para além da estruturação arquitectónica, uma determinação urbana. O entendimento dos processos urbanos torna-se, neste caso, uma ferramenta de projecto capaz de justificar e validar opções.

Por fim, e do ponto de vista morfológico, identificamos a possibilidade de uma relação de influência mútua entre arquitectura e cidade. A arquitectura, enquanto acção urbana, pode gerar pressões na envolvente ou construir-se segundo as pressões a que está sujeita, assumindo-se assim como uma entidade iminentemente urbana.

Neste sentido, reconhecemos uma operatividade na relação cidade-arquitectura capaz de confluir para uma estruturação arquitectónica, consciente das suas possibilidades no contexto urbano. Procuraremos, ao longo das próximas páginas, e confrontados com um problema específico, validar este raciocínio ao longo de um processo de projecto concreto.

O Convento como Arquitectura Urbana

Contextualização

Com a possível desactivação dos hospitais da colina de Santana, motivada pela criação do Centro Hospitalar em Chelas, desocupa-se uma rede de antigas estruturas conventuais numa colina central da cidade de Lisboa.

Esta rede, composta por cinco parcelas distintas - Convento de Santo António dos Capuchos, Convento de Santa Marta, Convento da Congregação do Oratório (Rilhafolles), Convento de Santo Antão-o-Novo e convento do Desterro - foi, no início da expansão extra muralhas, fundamental na estruturação das dinâmicas urbanas da colina.

Neste sentido, surge uma oportunidade de “re-significar” este conjunto de peças através de uma estratégia que tem em vista a reabilitação de toda a colina enquanto zona central da cidade.

O estudo urbano sobre a colina de Santana elaborado pela arquitecta Inês Lobo prevê que *“a reflexão sobre este território passará, no seu fundamental, pelo que será o futuro das áreas de hospitais a desafectar”*⁹¹

As propostas actuais, elaboradas pela Estamo, a empresa pública proprietária dos imóveis, prevêem *“projectos de loteamento (...), onde surgirão novas zonas residenciais, (...)”*⁹².

O projecto, actualmente em fase de discussão pública, também da autoria da arquitecta Inês Lobo, refere a excessiva ocupação diária, contrastante com uma ocupação nocturna residual, como um dos principais problemas. Desta forma, a arquitecta prevê, para além da componente habitacional, áreas de comércio e equipamentos. Os principais

⁹¹ LOBO, Inês, *Colina de Santana-Projecto Urbano*. Lisboa: 2013. [consult. 5/4/2013] p. 338 Disponível em: < <http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Licenciamento/estudocolinasantana.pdf> >

⁹² PAIXÃO, P. *A colina da discórdia*. Jornal Expresso: 24 de Agosto de 2013. p. 19

objectivos desta operação prendem-se com a reconversão funcional da área em causa e com a fixação de moradores.⁹³



fig. 20 - Localização da Colina de Santana. Lisboa, 2014 fig. 21 - Colina de Santana. Lisboa, 2014.

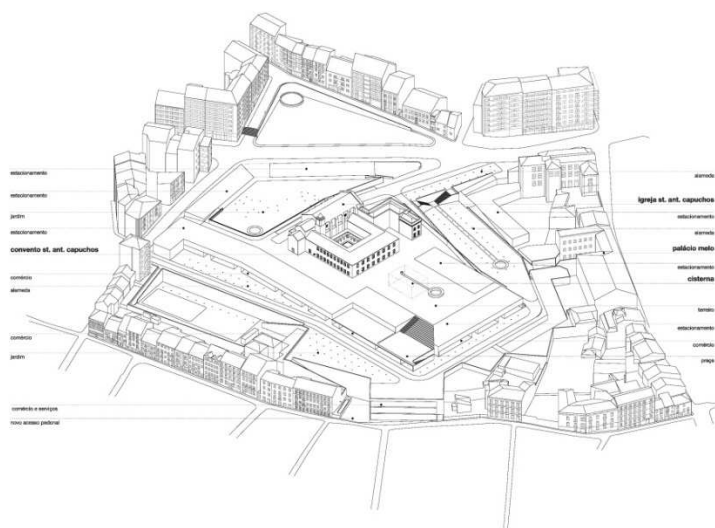


fig. 22 - Proposta para o Hospital de Santo António dos Capuchos. LOBO, Inês. Lisboa, 2013.

⁹³ LOBO, Inês, *Hospital de Santo António dos Capuchos- Pedido de informação prévia*. Lisboa: 2013. [consult. 5/4/2013] p. 9 Disponível em: < <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/licenciamento/pedido-de-informacao-previa-das-operacoes-de-loteamento-a-realizar-nos-hospitais-de-sao-jose-de-santa-marta-dos-capuchos-e-miguel-bombarda/hospital-dos-capuchos>>

A arquitectura Capucha

Fundada em Assis, por Francisco de Bernardome, no início do século XIII, a ordem franciscana tornou-se uma das mais prolíferas da igreja católica. Esta ordem, apesar de se caracterizar por uma austeridade e humildade assinaláveis, foi, com o passar dos anos, adquirindo bens que lhe permitiram uma auto-suficiência contraditória com o carácter mendicante defendido pela *regra de Assis*.⁹⁴

Algumas correntes, insatisfeitas com esta situação, insurgiram-se e criaram o ramo dos *Franciscanos Observantes*, um ramo mais austero e rigoroso. De entre outras derivações do ramo observante, surgem os *Frades Menores Capuchos*, criados em 1525, por Matteo Baschi, uma das ordens mais exigentes para com *regra de Assis*.⁹⁵

Os *Franciscanos Capuchos* chegaram a Portugal no início do séc. XVI. No começo, estes preferiam essencialmente contextos rurais para se fixar, optando por lugares bastante ermos. Ao optar por implantações nas zonas de vale, a salubridade dos edifícios era, muitas vezes, posta em causa, No entanto, pelos valores de humildade e simplicidade que representavam, esta tornou-se uma opção recorrente desta ordem. “*Cercando a sua casa com muros altos e intransponíveis*” conseguiam, “*reforçar a individualidade do espaço e a intimidade do ambiente*”⁹⁶. Neste sentido, os conventos Capuchos sempre se apresentaram como uma descontinuidade do território, uma fracção delimitada tanto física como espiritualmente.

Somente a partir de 1547, e com uma necessidade emergente de visibilidade na sociedade da época, os frades se começam a aproximar dos contextos urbanos e das linhas de feito.

⁹⁴ “*Humildade, Simplicidade e Justiça*”.

⁹⁵ Para mais detalhes sobre as ordens franciscanas consultar: VIEIRA, João, LACERDA, Manuel. *Património arquitectónico – Edifícios conventuais capuchos- KITS – PATRIMÓNIO KITo5*-documento provisório, Dezembro 2010. p. 9-11 [consul. 16/9/2013] disponível em: < <http://www.igespar.pt/media/docs/2010/12/22/KITo5.pdf>>

⁹⁶ XAVIER, Manuel António. *Das cercas dos conventos capuchos*. Vol.II. Évora: Licorne, 2011. p. 40

Administrativamente, os frades Capuchos dividiam Portugal em cinco províncias distintas: a província da Piedade, a província da Arrábida, a província da Soledade, a província da Conceição, e a província de Santo António. O convento de Santo António dos Capuchos de Lisboa fazia parte desta última província, a qual, à semelhança das outras, definia nos seus estatutos o modo de edificar um convento capucho⁹⁷.

A Arquitectura Capucha caracterizava-se com uma forte relação com a natureza. “Este contacto visual com a natureza era fundamental na formação religiosa dos frades, estando bastante explícita na Regra de São Francisco.”⁹⁸

O conjunto conventual baseava-se na articulação de dois volumes, a igreja e o edifício conventual. Este último, geralmente com dois pisos, era construído em torno de um claustro quadrangular a partir do qual se desenvolviam as principais dependências como: a Casa do Capítulo, a livraria, a enfermaria, a hospedaria e os dormitórios.

As igrejas *Capuchas*, caracterizadas por uma nave única e um falso transepto, dispunham, nas laterais, capelas à face interligadas entre si. As coberturas em falsa abóbada de berço eram sustentadas por uma estrutura de madeira e a capela-mor, erigida sob um arco de volta perfeita, tinha tendência para ser bastante profunda. Os interiores apresentavam um carácter sóbrio e bastante austero, destacando-se a existência de um coro alto bastante amplo.

⁹⁷ Apesar de algumas variações entre as diferentes províncias, a análise destes documentos serve-nos na interpretação do que foram as leituras iniciais e estruturantes da área de intervenção.

⁹⁸ VIEIRA, João, LACERDA, Manuel, op.cit. p. 13.



fig. 23 - Interior da Igreja de Santo António dos Capuchos. Lisboa, 2014.

O convento como um facto urbano

Construído em 1570, o convento de Santo António dos Capuchos, em Lisboa, foi um dos primeiros edifícios a instalar-se na zona norte da cidade de Lisboa.

Alvo de algumas reparações em 1755, por motivo do terramoto, o convento manteve a sua estruturação inicial até 1834, data em que foi abandonado pelos frades *Capuchos*, devido à extinção das ordens religiosas.

Por despacho real, a rainha D. Maria reabriu o convento, em 1836, como Asilo de Mendicidade. Esta alteração de uso *“constitui uma resposta de Estado a funções que anteriormente eram asseguradas pelos conventos e que dão resposta a um verdadeiro flagelo que grassava pela cidade”*⁹⁹.

Instalado inicialmente apenas no convento, o asilo motivou várias expansões ao longo dos anos, inclusivamente a anexação do Palácio Melo em 1854. As construções, situadas essencialmente a sul do antigo convento, apresentavam-se em total articulação volumétrica com a estrutura conventual.

Para além do parque edificado, o asilo detinha, no seu interior, campos de cultivo e instalação oficinais para labor dos asilados.

No início do séc. XX o convento foi de novo alvo de alterações. Ressano Garcia, com o plano das “Avenidas Novas”, propõe ligar o campo de Santana à avenida Duque d’Ávila, através daquelas que são as actuais, rua Gomes Freire e rua Luciano Cordeiro. Se a primeira passa à ilharga do convento de Rilhafoles, a segunda assume-se muito mais fracturante com a estrutura cadastral e rompe a cerca conventual de Santo António dos Capuchos. Esta operação desvincula grande parte da antiga cerca conventual a norte do antigo convento¹⁰⁰.

⁹⁹ LOBO, Inês, *Colina de Santana-Projecto Urbano*. Lisboa: 2013. [consult. 5/4/2013] p. 60 Disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Licenciamento/estudocolinasantana.pdf>>

¹⁰⁰ LOBO, Inês, op. cit. p. 63.

É já no final da década de 20, que o Asilo da Mendicidade é transformado em Hospital de Santo António dos Capuchos, acolhendo a escola de enfermagem e o auxílio maternal dos hospitais centrais de Lisboa¹⁰¹. Esta alteração de usos obriga à densificação construtiva no interior da cerca conventual, motivando novas construções e alterações às antigas.

Neste sentido, identificamos no convento de Santo António dos Capuchos uma capacidade de ajuste às necessidades urbanas de cada época e, por isso, uma possibilidade de reinterpretação desta arquitectura na cidade contemporânea.

¹⁰¹ Idem, p. 64



fig. 24 - *Asylo da Mendicidade*

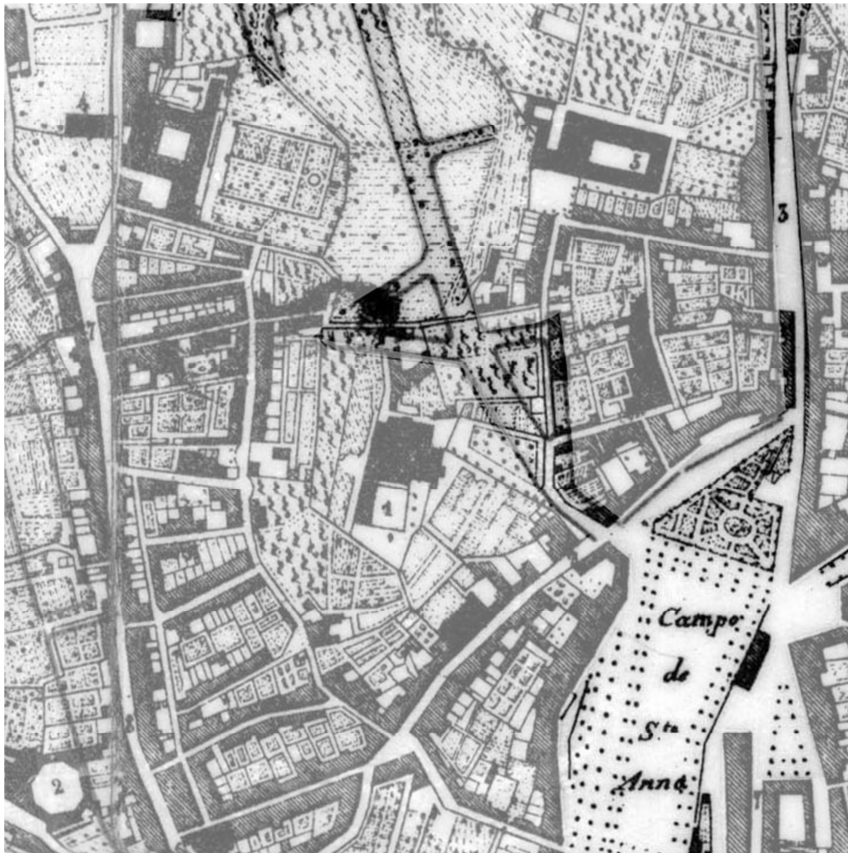


fig. 25 - *Prolongamento da rua Luciano Cordeiro plano de Ressano Garcia. Lisboa*

As estruturas conventuais enquanto operadores urbanos

Entendemos que o convento de Santo António dos Capuchos, em Lisboa, pode ser considerado uma arquitectura activa do ponto de vista urbano.

Numa tentativa de justificar esta afirmação, salientamos, entre outros, o papel que este teve na estruturação do tecido urbano da envolvente.

Quando em 1570 os frades Capuchos se instalaram às portas da cidade, mais do que a estrita observância, estes condicionaram o crescimento urbano da colina, pela simples implantação do seu convento. Neste sentido, tanto o convento como a restante coroa monástica da colina apresentam-se como um *elemento primário*¹⁰² da estruturação da própria colina. Veja-se, por exemplo, o eixo Campo de Santana - Adro da Igreja que se assume como uma permanência da estrutura viária da própria colina. A linha assumida, em parte, pelos planos do início do século, é, mais do que uma pré-existência, uma persistência.

As estruturas conventuais são particularmente representativas enquanto condicionantes urbanas. *"Numa primeira fase porque, ao fixarem-se em determinados pontos do território (...) são pólos atractivos, já que as pessoas procuram a protecção divina junto dos clérigos, ou mesmo porque algumas ordens têm uma grande vocação para o Ensino e a Cultura, outras para o cultivo do solo. Numa segunda fase, os conventos e as suas cercas criam "bolsas" de terreno, vazios nas cidades, influenciando o crescimento urbano pela quebra que introduzem na construção. As cercas são fronteiras físicas, separando duas realidades muito distintas: o ambiente mourisco, calmo e natural do interior, em oposição ao fervilhar da cidade construída."*¹⁰³

Deste modo, criam-se as condições para que as estruturas conventuais sejam abordagens legítimas a uma arquitectura urbana, *"Não só enquanto dispersão organizada, e*

¹⁰² Ver: ROSSI, A. op. cit..

¹⁰³ MATELA, Raquel. *O papel dos Conventos no Crescimento Urbano – Reflexões sobre Monumentos e Salvaguarda do Património*. Tese de mestrado não publicada. Instituto Superior Técnico, 2009. p. 81.

em rede, de uma determinada forma de apropriação do território, (...), bem como na clara definição de limite físico, de estruturação lógica e hierarquizada dos espaços da vida conventual, numa definição formal em que tecido e objecto eram inextricavelmente coincidentes.”¹⁰⁴

Chueca Goitia, por seu lado, identifica, sobretudo na Península Ibérica, um fenómeno de apropriação das estruturas conventuais por parte da cidade. O autor refere-se a estas *ciudades-convento* como uma preservação de modos de vida mais intimistas no interior dos tecidos urbanos. Esta capacidade “*resulta do acto de encerrar, dentro de altos muros, casas, palácios, ruelas e passagens estreitas, formando assim blocos enormes e irregulares (...)*”¹⁰⁵.

Rossi assume esta circunscrição com um factor estruturante do diacronismo destas estruturas, “*apenas a presença de uma forma fechada e precisa permite a continuidade e produção de acções e de formas sucessivas.*”¹⁰⁶

Podemos referir ainda o carácter análogo que as estruturas conventuais tiveram na estruturação da própria cidade.

Estes programas, tanto “*pela pluralidade das funções, como pela diversidade de espaços, (...) podem ser entendidos como uma cidade*”¹⁰⁷. António Lousa assume que “os conventos e mosteiros, enquanto estruturas mentais e físicas, renunciaram o discurso teórico de várias formulações desenhadas de cidade ideal a partir do Renascimento, contribuindo de forma subliminar para a definição do conceito de objecto-cidade na segunda década do século XX”¹⁰⁸.

¹⁰⁴ LOUSA, A., *op. cit.*, p. 50.

¹⁰⁵ CHUECA GOITIA, F. *op. cit.*, p. 14.

¹⁰⁶ ROSSI, A. *op. cit.*, p. 129.

¹⁰⁷ BORGES, Nelson Correia – *ARTE MONÁSTICA EM LORVÃO*, Sombras e Realidade. Vol I. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Tese de Doutoramento em História da Arte, 1992. p. 333.

¹⁰⁸ LOUSA, A. *op. cit.*, p. 50

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

Neste sentido, identificamos que as estruturas conventuais, por si, são já uma arquitectura urbana, isto é, detêm em si uma variedade de possibilidades referenciáveis à cidade.

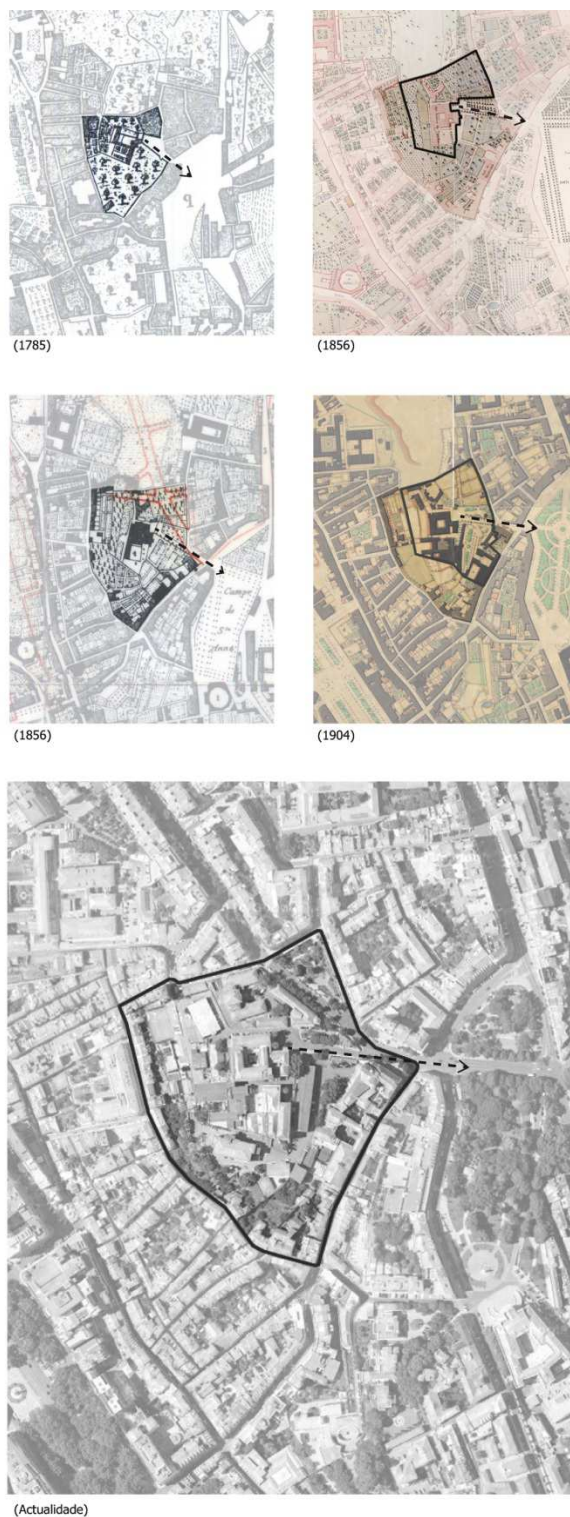


fig. 26- Persistência do eixo Campo de Santana- Adro da Igreja.

Para uma activação urbana do convento

Estratégia urbana- A colina de Santana

*"O processo dinâmico da cidade tende mais para a evolução que para a conservação é que na evolução os monumentos conservam-se e representam factos propulsores do mesmo desenvolvimento"*¹⁰⁹

Esta proposição de Rossi permite-nos interpretar a intervenção nas cercas conventuais da colina de Santana como um *facto propulsor* de uma transformação. Nesse sentido, e em linha com as conclusões da arquitecta Inês Lobo, reconhecemos à rede monástica da colina um carácter essencial desta reabilitação.

Por conseguinte, e sob um ponto de vista estratégico, propomos a reconversão dos antigos hospitais em pontos de centralidade à escala da vizinhança. Isto é, pretendemos, através de uma ideia de descontinuidade programática, evidenciar estas áreas dentro do tecido urbano. Tal deve ser feito através da criação de pólos de equipamentos e servidões que possam responder às necessidades do parque habitacional já implementado e motivar uma possível reabilitação deste. Entendemos que, deste modo, reforçamos o carácter de *elemento primário* destes factos.

Desta forma, propomos um programa-base dividido em quatro valências distintas: estacionamento público, comércio de bairro, trabalho associado ao sector terciário, e equipamentos públicos, tentando assegurar uma resposta às necessidades da colina, sobretudo na questão dos equipamentos e do estacionamento público.

O equipamento, diferente em cada um destes pólos, assume-se, assim, como um elemento identitário do próprio pólo. Posto isto, definimos cinco temáticas estratégicas para caracterizar os cinco equipamentos: Desporto, Multiculturalidade, Saúde, Educação e Cultura. Cada uma destas áreas corresponderá a um pólo distinto.

¹⁰⁹ ROSSI, A. *op. cit.*, p. 79

Deste modo, elegemos a área do antigo Hospital Miguel Bombarda para acolher o pólo desportivo devido às vastas áreas da parcela. Por outro lado, para a colher o pólo relacionado com a saúde, e por ser já uma referência nesta área, seleccionamos o Hospital de São José. No caso do antigo Hospital do Desterro, pela sua proximidade a áreas como a Avenida Almirante Reis ou o largo do Martim Moniz, elegemos o tema Multiculturalidade para a sua caracterização. No caso do hospital de Santa Marta, propomos a criação de um pólo relacionado com a educação, a posição deste em relação à zona da Avenida da Liberdade permite-lhe uma facilidade de acessos que suporta este tipo de programas. Por fim, no caso do convento dos Capuchos propomos um pólo relacionado com a cultura e as artes, pelo seu carácter central e pela pertinência deste tipo de programas na zona superior da colina.

A criação de pólos multifuncionais responde também à heterogeneidade nos horários de utilização apontada como problemática pelos estudos realizados. Desta forma, propomos um núcleo funcional com horários alargados, com vista a uma homogeneização da utilização ao longo do dia.

Esta estratégia permite, por um lado, uma distribuição homogénea destas valências por toda a colina, por outro, manter a ideia de *rede* associada a estes cinco conventos. Assegurando que cada um deles é um pólo funcional consolidado, mas relacionado com os restantes do ponto de vista programático. Deste modo, mantemos o carácter de referência destes complexos e, simultaneamente, através de uma operação coordenada, dotámos a colina dos serviços e equipamentos que carece.

Abordaremos do ponto de vista arquitectónico o convento de Santo António dos Capuchos, como exemplo das estratégias a seguir nos outros conventos, salvaguardando, no entanto, possíveis condicionantes excepcionais que possam surgir em cada um dos casos.

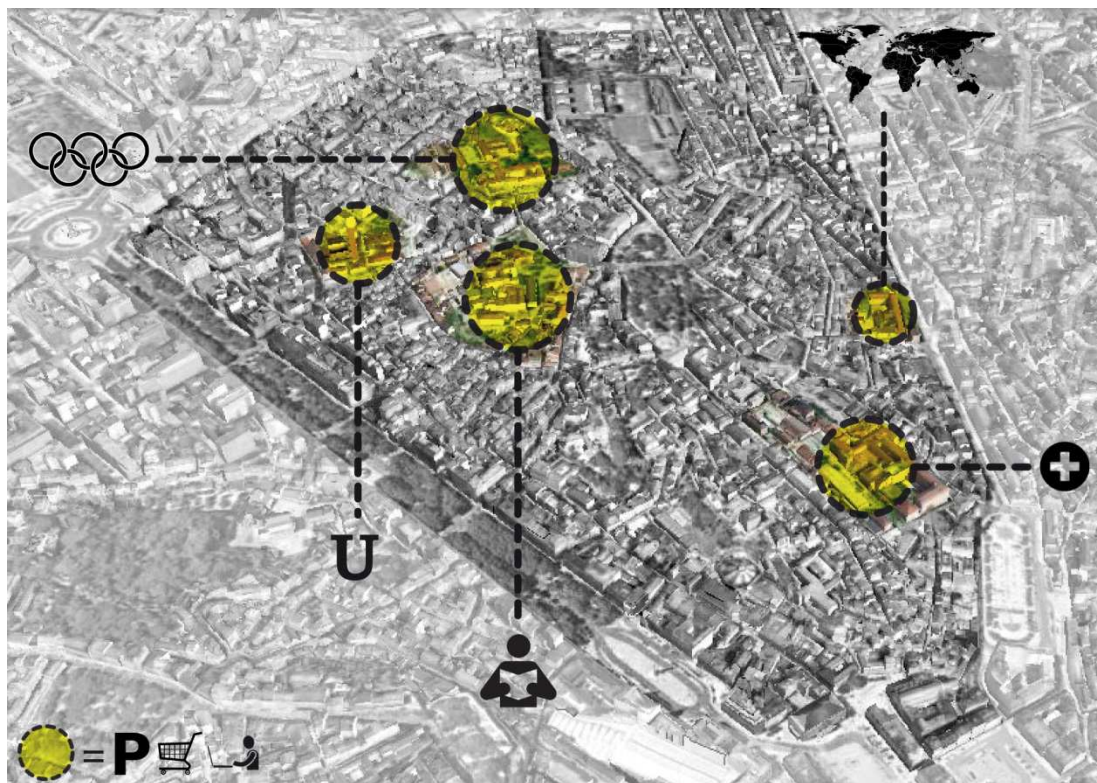


fig. 27 - Estratégia Urbana ao nível da Colina de Santana.

Estratégia arquitectónica- O Hospital de Santo António dos Capuchos

Entendemos, à semelhança de Kevin Lynch¹¹⁰, que o desenho arquitectónico deve ser um reforço dos significados presentes num determinado espaço. Esta ideia coincide com o reconhecimento de uma continuidade histórica associada ao convento de Santo António dos Capuchos.

Torna-se, assim, evidente o seu carácter diacrónico, não apenas pela sua história individual¹¹¹, mas também pela possibilidade de ser ainda um elemento activo na estruturação da cidade. Neste sentido, parece-nos lógico uma abordagem que reforce os valores e significados iniciais do conjunto¹¹².

Devido às alterações de uso a que foi sujeito, este território apresenta-se actualmente bastante densificado e com uma configuração caótica e sem regra aparente. Como tal, a primeira operação projectual sobre a área prende-se com a selecção dos edifícios a conservar, a remodelar e a demolir.

Após uma análise do estado de conservação do parque edificado, optámos pela demolição de algumas das estruturas hospitalares situadas sobretudo a sul do antigo convento e, numa tentativa de retomar a morfologia original, reduzimos o número de pisos do convento.

¹¹⁰ “É elementar considerar que o design actual se deveria usar com o fim de reforçar o significado e não de o negar” in LYNCH, Kevin. (1960) *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999. p.57

¹¹¹ Ver capítulo:

O convento como um *facto urbano*

¹¹² Ver capítulo: *A arquitectura Capucha*



fig. 28 - Indicação dos edifícios a demolir (amarelo) e dos edifícios a adaptar a um novo uso (vermelho)

Esta operação de limpeza, permite-nos entender a topografia original da cerca, composta por três plataformas distintas, situadas respectivamente às cotas 61, 69, e 72. Esta configuração topográfica torna-se estruturante da nossa proposta, pois entendemos que estas plataformas, que se projectam sobre a cidade, fazem desta área uma zona privilegiada para admirar a paisagem urbana da cidade de Lisboa.

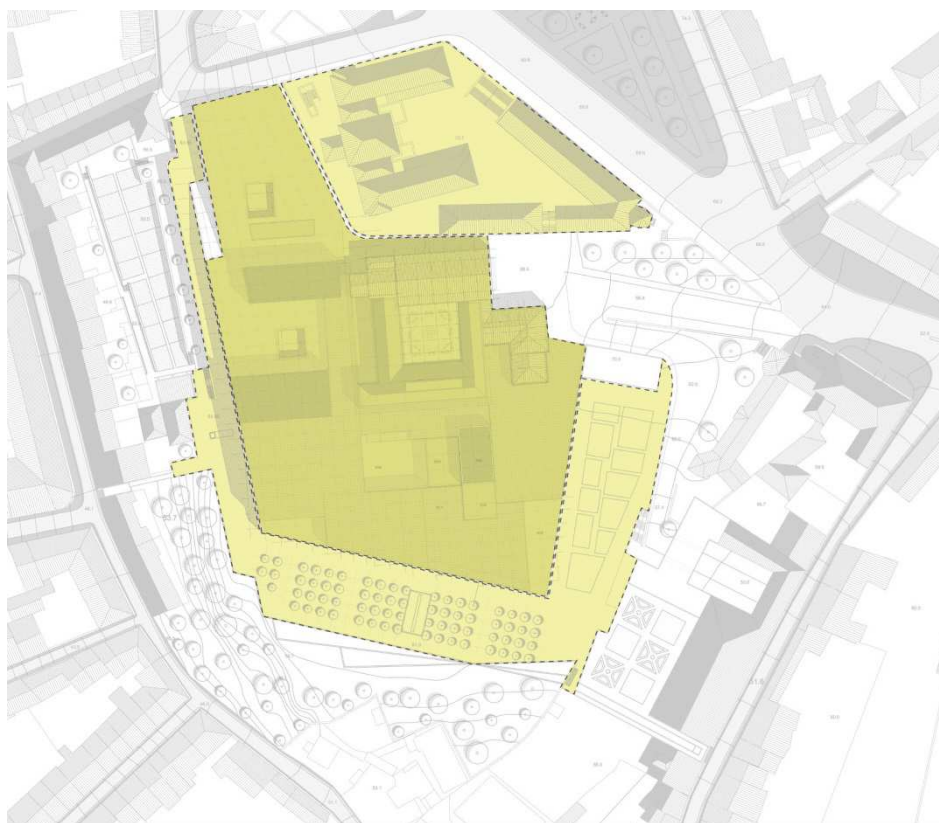


fig. 29 - Esquema topográfico

Com o objectivo de reforçar os significados presentes, definimos como estratégia uma reinterpretação dos elementos compositivos da antiga cerca conventual. Estes elementos, identificados por António Xavier¹¹³ como: o edifício, o claustro, a cisterna, a mata, e o pomar/horta - tornam-se assim estruturantes do nosso discurso.

Optamos por dividir estes elementos em dois grupos: os eminentemente paisagísticos, a mata, o pomar e a horta; e os eminentemente arquitectónicos, o edifício, o claustro e a cisterna. Entendemos que os primeiros deveriam articular a área a sul com, por um lado, o sistema de vistas, por outro, os interiores de quarteirão e os tardozes. Por sua vez, os segundos re-articulados através de uma nova lógica arquitectónica seriam parte integrante da área de construção proposta.

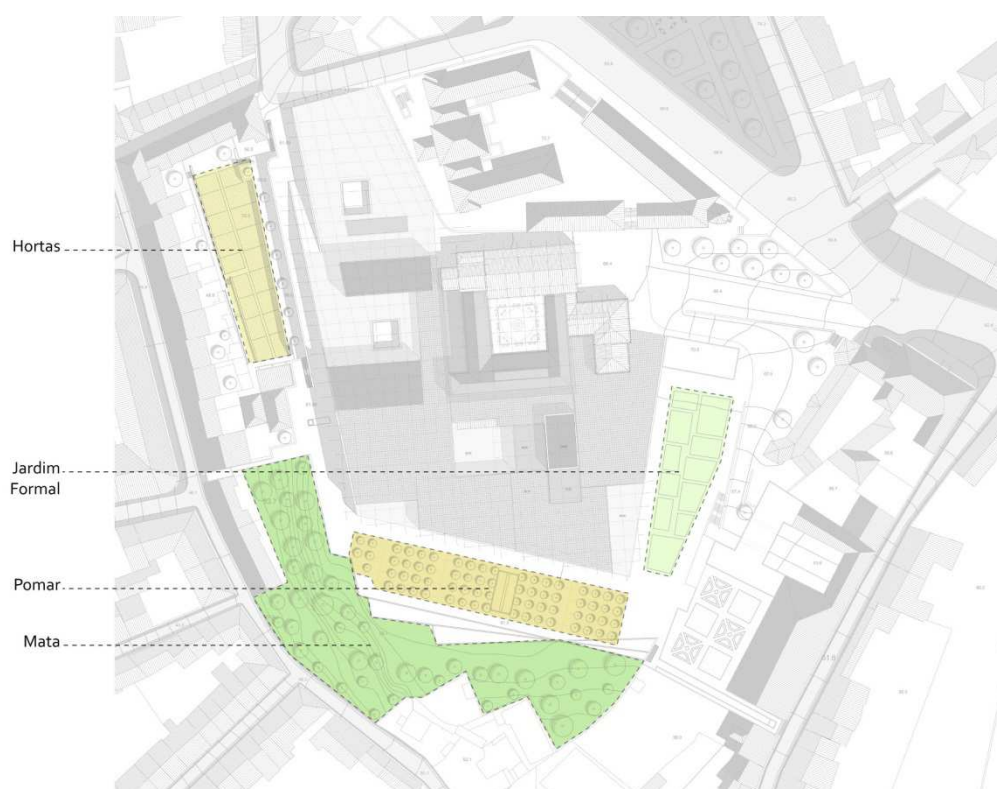


fig. 30 - Esquema elementos paisagísticos

¹¹³ António Xavier, no livro *Das cercas dos conventos Capuchos*, define cinco elementos estruturantes da cerca conventual capucha: O edifício; o claustro; a cisterna; a mata; e o pomar e horta. Ressalva-se ainda a existência de um jardim formal junto ao próprio convento in **XAVIER**, Manuel António. *op. cit.*

Neste sentido, propomos localizar na plataforma sul os elementos paisagísticos identificados por António Xavier, articulando cada um destes com a envolvente específica. Deste modo, encontramos as hortas articuladas com a habitação situada a poente, o pomar articulado com as vistas sobre a cidade e a mata articulada com a rua do Passadiço. Acrescentamos ainda a esta lista, o jardim formal, usual também nas cercas conventuais capuchas¹¹⁴, articulado com as residências assistidas a nascente. A articulação destes elementos com a envolvente permite isolar a plataforma do convento como área de construção por excelência e, assim, recolocar o problema arquitectónico a outra escala.

Na segunda plataforma, onde se localizam os edifícios conventuais, propomo-nos desenhar um edifício que sirva de embasamento ao próprio convento. Este edifício, para além de resolver os programas definidos na estratégia urbana, deve articular-se com o edifício conventual e com a plataforma dos jardins.

A opção de desenvolver o edifício abaixo das cotas de acesso, prende-se com a relação com o convento e com a abordagem ao próprio edifício. Neste sentido, a cobertura do edifício apresenta-se como uma praça dura da cidade, ou seja, o edifício assume o seu carácter topográfico. A planimetria deste está condicionada pela linha da antiga cerca e a volumetria com as relações visuais deste com o edifício conventual.

“ Edifício e a cerca dão razão de ser um ao outro.”¹¹⁵

A reinterpretação da cerca como limite construído concorre para a resignificação do conjunto como uma permanência. Deste modo, assumimos, para além da importância topográfica, uma importância topológica.

¹¹⁴ VIEIRA, João, LACERDA, Manuel. *op.cit.*, p. 13

¹¹⁵ XAVIER, Manuel António. *op. cit.*, p. 14.

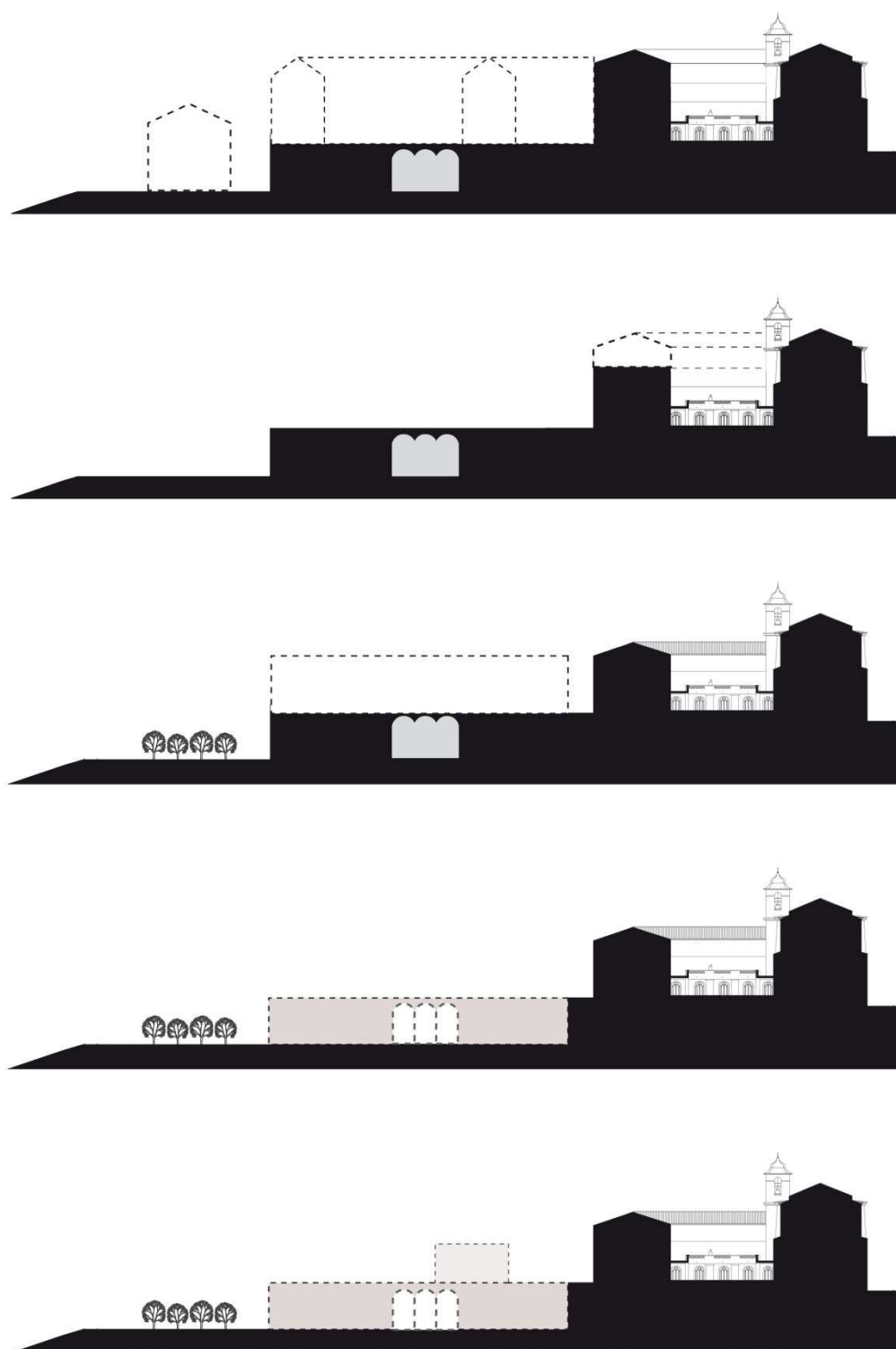


fig. 31 - *Esquema Estratégico.*

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

O carácter monolítico deste edifício e a sua articulação com a plataforma dos jardins fazem parte de um discurso arquitectónico que pretende qualificar a relações visuais com a envolvente distante. Neste sentido, e por pretendemos que o edifício adquira uma imagem que possa ser referente da própria colina, o alçado sul revela especial relevância, sobretudo pela sua exposição à colina de São Roque.

Reconhecendo a sua importância, para a estruturação da imagem da própria colina, propomos que este se caracterize por linhas claras e uma homogeneidade ao nível dos materiais que contribua para a sua legibilidade no contexto urbano.

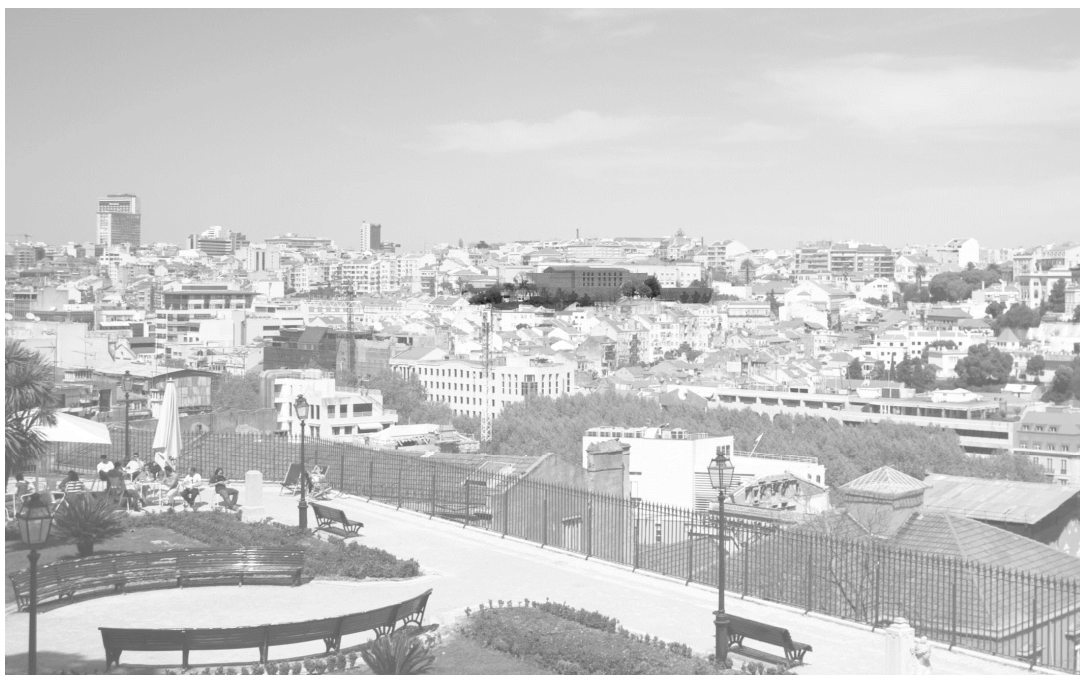


fig. 32 - *Legibilidade Urbana.*

Na terceira plataforma, pela coesão que o edificado apresenta propomos a reabilitação dos edifícios e uma adaptação aos novos usos assim como uma requalificação dos espaços intersticiais.

A totalidade do conjunto apresenta-se como um enclave no tecido urbano. Neste sentido e em correspondência com a ideia de *cerca*, optámos por manter as circulações dentro da parcela essencialmente pedonais, garantindo, no entanto, o acesso a veículos de emergência e funcionamento. Deste modo, apenas mantemos o atravessamento rodoviário que liga a Igreja ao Palácio Melo e que serve sobretudo como acesso complementar a este. A entrada para a zona de estacionamento situa-se no extremo poente do conjunto em articulação com a Calçada de Santo António.

Do ponto de vista programático e sob o tema da cultura definimos várias unidades programáticas centrais: uma biblioteca, uma escola de música, e um auditório, e como apoio a estas unidades surge ainda um café concerto, uma cafetaria/restaurante e uma unidade de residências temporárias. Como programas complementares definimos para o edifício da escola de enfermagem um espaço destinado a ensaios de bandas e para o edifício adjacente um estúdio de gravação áudio. No caso do Palácio Mello propomos uma residência assistida que apoie as carências da população residente.

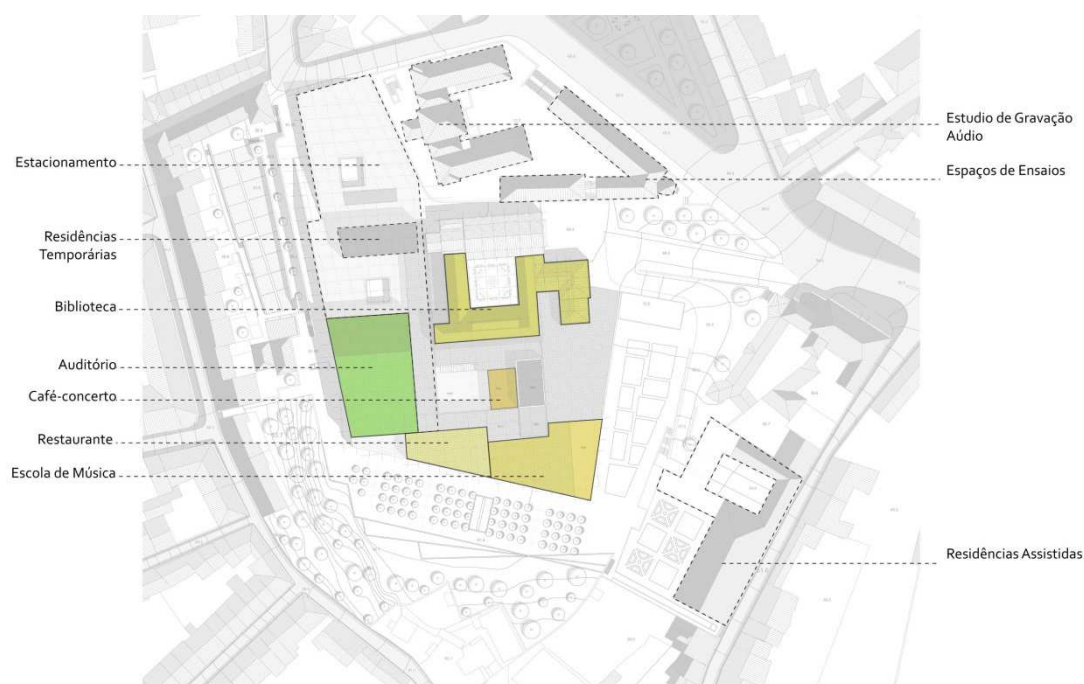


fig. 33 - *Esquema Programático*

Pelo desejo de uma estruturação eminentemente urbana e pela própria escala da intervenção, optámos por uma estratégia de autonomia das partes programáticas dentro de um volume circunscrito. Esta solução, para além das implicações funcionais, reflecte também uma analogia com os processos urbanos. O edifício, após uma delimitação volumétrica, é entendido como um conjunto de partes. Os espaços intersticiais assumem, deste modo, um carácter urbano e o projecto integra-se topologicamente na estrutura urbana.

Por conseguinte, entendemos os volumes do convento e do embasamento como um todo passível de fragmentar. Através do desenho de espaços intersticiais referenciados aos arquétipos da cidade antiga, articulamos as diferentes peças programáticas no volume.

Consequentemente, e assumindo as preposições de Aureli, pelo próprio desenho dos limites, poderemos encontrar o sentido público dos edifícios. Procurámos através da articulação de todas estas peças, quer pelos espaços intersticiais, quer pelos próprios limites, trazer, ao edifício, um sentido colectivo, um sentido urbano.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

A urbanidade surge, assim, nas fronteiras do projecto arquitectónico e na forma como as articulações entre ele e o contexto se desenham. O projecto, enquanto uma descontinuidade, assume-se como uma *parte de cidade*.

O seu programa apresenta-se como uma resposta a uma necessidade urbana, e a sua escala, como uma transversalidade entre arquitectura e cidade. O edifício assume-se na imagem da própria colina como um elemento de referência e entende uma continuidade ao nível dos processos urbanos capaz de operativizar decisões de projecto. Deste modo, a sua morfologia encontra-se condicionada pela cidade mas tornar-se-á também ela, depois de construída, condicionante.

Deste modo, articulando programa, escala, singularidade, continuidade histórica e morfologia, procuramos, através de um discurso coerente, sintetizar os princípios de uma verdadeira arquitectura urbana.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, procurámos discernir sobre a relação entre a cidade e a obra arquitectónica, com vista a uma activação desta nos tecidos urbanos.

Concluimos que esta activação, não só é possível como, muitas da vezes, justificável, quer por questões programáticas, de escala, legibilidade, de permanência ou morfológicas.

Cidade e arquitectura são, no nosso ponto de vista, uma mesma problemática, não podendo, por isso, ser tratadas separadamente. A objectivação arquitectónica serve-nos, neste sentido, apenas como ferramenta metodológica para circunscrever um problema arquitectónico na extensão urbana. Neste sentido, concebemos a cidade por partes, por outras palavras, por Arquitecturas, que individualmente contribuem para um sentido urbano¹¹⁶.

Mais do que uma sistematização teórica destas questões, optámos por uma abordagem que, do ponto de vista operativo, pudesse validar o objecto arquitectónico enquanto operador urbano. Esta validação, sob a forma de projecto, procurou demonstrar de que forma se podem articular as questões anteriormente tratadas. Neste sentido, através da abordagem a um projecto específico para a colina de Santana, identificamos várias questões pertinentes.

Entendemos que este propósito projectual deve estar presente desde o início do projecto e que tal não deve ser interpretado como uma simulação das dinâmicas urbanas, à escala arquitectónica, mas sim, uma consciencialização do edifício como contribuição activa de um discurso urbano.

¹¹⁶ Mesmo quando se assumem fenomenologicamente como descontinuidades. Reforçando a leitura dessas mesmas partes.

Existe na questão da Arquitectura Urbana uma tendência para fragmentar as estruturas e autonomizar as suas partes. Esta tendência contribui, à semelhança da cidade, para uma estruturação metodológica do objecto enquanto um conjunto de partes. A concepção de um edifício por partes assume uma enorme importância quando se trabalha com programas multifuncionais ou de média e grande escala. No entanto, apesar desta fragmentação metodológica o edifício apresenta-se como uma unidade¹¹⁷, isto é, a imagem do edifício contribui para a sua singularidade, quer do ponto de vista da sua leitura, quer do ponto de vista das referências urbanas que lhe podem ser associadas.

Ao concebermos o edifício como entidade circunscrita este entra em confronto com a cidade podendo através da sua morfologia afirmar-se em relação ao contexto urbano, deste modo, o edifício pode contribuir para um discurso urbano; ou mesmo influenciá-lo de tal modo que todo o discurso passa a ser referente a este.

Do ponto de vista da permanência, assumimos a reinterpretação histórica, pelo carácter diacrónico das estruturas urbanas, como uma abordagem estratégica capaz de integrar uma determinada arquitectura em contexto urbano. Deste modo, condicionamos a arquitectura sob o ponto de vista da continuidade histórica, contribuindo para um discurso urbano fundamentado nos valores culturais estruturantes.

Uma articulação eficiente destas questões contribui para uma estruturação do problema arquitectónico de forma eficaz. Isto é, por serem condicionantes, estas questões podem tornar-se operativas na estabilização de uma determinada organização arquitectónica. Neste sentido, reconhecemos às questões analisadas, não só a capacidade de sistematizar a relação entre a cidade e a obra arquitectónica, mas também uma capacidade estratégica no que diz respeito ao próprio projecto.

Esta abordagem, para além de uma qualificação arquitectónica, torna-se também uma forma de pensar a cidade enquanto entidade construída, tornando-se por isso um território legítimo da investigação urbana. Deste modo, a Arquitectura Urbana revela toda a sua potencialidade quer do ponto de vista teórico quer do ponto de vista prático.

¹¹⁷ Ao contrário da cidade que se revela sobretudo como um agregado de partes.

Bibliografia

- AFONSO**, João, **MILHEIRO**, Ana Vaz. *Habitar Portugal 2003/2004*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.
- ALBERTI**, L. B. (1485). *De Re Aedificatoria*. Firenze: Nicolaus Laurentii (texto policopiado), Livro I.
- ALLEN**, S. – *Mat Urbanism: the Thick 2D*, in Case: *Le Corbusier's Venice Hospital and the Mat Building Revival*. Ed. Hashim Sarkis, Pablo Allard & Timothy Hyde, New York: Prestel, 2001.
- AURELI**, P. V. - *The possibility of an absolute architecture*. Cambridge: The MIT Press, 2011.
- AYMONINO**, Carlo.(1984). *O significado das cidades*. Lisboa: Presença. 1984.
- BAKEMA**, Jacob. *An Emperor's House at Split became a Town for 3000 People* in Forum 2, 1962, pg 45/78.
- BENÉVOLO**, Leonardo. (1981) *Historia de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1994.
- BORGES**, Nelson Correia – *ARTE MONÁSTICA EM LORVÃO*, Sombras e Realidade. Vol I. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Tese de Doutoramento em História da Arte, 1992.
- CALVINO**, Italo - *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema, 2003.
- CARUSO**, A. *The Feeling of Things*. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2008.
- CHOAY**, Françoise. *The modern city:plannig in the 19th century*. New York: 1969.
- CHUECA GOITIA**, F. (1982). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Presença, 2010.
- CLÉMENT**, Élisabeth, **Demonque**, C., **Hansen-Love**, L., **Kahn**, P.(1997) *Dicionário prático de filosofia*. Lisboa: Terramar, 2007.
- CULLEN**, Gordon. (1971) *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- FARIAS**, Hugo José Abranches Teixeira Lopes. *La Casa : Experimento y matriz : La Casa de Ofir (1958), de Fernando Távora, y la Casa de Vila Viçosa (1962), de Nuno Portas y Nuno Teotónio Pereira, en el proceso de revisión crítica de la arquitectura moderna en Portugal*. Tese de doutoramento. Madrid: ETSA-UPM, 2011.
- FISHMAN**, Robert, trad. **GUILLITTE**, P., *L'utopie urbaine au XXe siècle*, Bruxelas: 1979.
- FRAMPTON**, K. *Megaform as Urban Landscape*. EUA: 2009 [pdf] disponível em: <http://infotechmf.files.wordpress.com/2012/03/kframpton_megaform-as-urban-landscape.pdf>.
- GREGOTTI** , Vittorio, (1995) *Vittorio Gregotti & Associates*. Bolonha: Rizzoli, 1995.
- HERTZBERGER**, Herman. *Lessons for students in architecture*. Rotterdam, 1991.

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

HERZOG, Jaques - *The city and its state of aggregation*, in Quaderns d'Arquitectura y Urbanisme, nº183 (1989), Col·legi d'Arquitectes de Catalunya. 1989.

HOWARD, Ebenezer. (1902) *Garden Cities of Tomorrow*. Londres.

KOOLHAAS, Rem, trad. Jorge Sainz (1978) *Delirio de Nueva York: . Un manifesto retroactivo para Manhattan*. Barcelona. Gustavo Gili, 2004.

KOOLHAAS, Rem. *Três Textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

KOOLHAS, Rem, **MAU**, Bruce. *S,M,L,XL*, Roterão: 010 Publishers, 1995.

LOBO, Inês, *Colina de Santana-Projecto Urbano*. Lisboa: 2013. Disponível em: < <http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Licenciamento/estudocolinasantana.pdf> >

LOBO, Inês, *Hospital de Santo António dos Capuchos- Pedido de informação prévia* . Lisboa: 2013. Disponível em: < <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/licenciamento/pedido-de-informacao-previa-das-operacoes-de-loteamento-a-realizar-nos-hospitais-de-sao-jose-de-santa-marta-dos-capuchos-e-miguel-bombarda/hospital-dos-capuchos> >

LOUSA, A. *Object-City*. Coimbra: Tese de Doutoramento em Teoria e Historia da Arquitectura no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009.

LYNCH, Kevin (1981) *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2010.

LYNCH, Kevin .(1960) *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.

MATELA, Raquel. *O papel dos Conventos no Crescimento Urbano – Reflexões sobre Monumentos e Salvaguarda do Património*. Tese de mestrado não publicada. Instituto Superior Técnico, 2009.

MOREIRA, João G. S. *A presença da arquitectura como enclave*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2013.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1996) *L'art du lieu - Architecture et paysage, permanence et mutations*. Paris: Le Moniteur, 1997.

OLIVEIRA, Catarina. *Casa dos Bicos - detalhe* [on-line] Direcção-Geral do Património Cultural, Julho de 2012 [Consult. 21/1/2014] Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70460/>>

PAIXÃO, P. *A colina da discórdia*. Jornal Expresso: 24 de Agosto de 2013.

PORTAS, Nuno - *A cidade como Arquitectura: Apointamentos de método e crítica*. Lisboa, 1968.

PROMONTÓRIO, *Oriente Complex*, Lisboa: 2004. [Consult. 21/01/2014] Disponível em: <http://www.promontorio.net/userfiles/projects_more/pdf/oriente_complex.pdf>

Arquitecturas Urbanas- A relação entre a cidade e a obra arquitectónica

RISCO, Centro Cultural de Belém. [Consult. 21/01/2014] Disponível em:

<http://www.risco.org/pt/02_10_ccb.jsp>

ROSSI, A. (1966). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

ROWE, C., Koetter, F. (1978). *Collage City*. Cambridge: MIT Press.

SARKIS, Hashim. *Le Corbusier's Venice Hospital*, Nova York: Harvard Design School, 2001.

SITTE, Camillo. *City Planning According to Artistic Principles* (1889).

SMITHSON, A. (1974) *How to Recognize and Read Modern Building*. DPA-UPC, nº 27/28 .Barcelona: 2001 [Consult. 5/5/2013] Disponível em: <<http://revista.dpa.upc.edu/02%20ARCHIVO/DPA%2027/dpa27-issuu.html>>

SOLA-MORALES, Ignasi . *Territorios*. Barcelona: 2002.

Souvenir de Lisboa- O Asylo da Mendicidade. Lisboa. (documentação cedida pela Dr. Célia Pilão)

TAFURI, Manfredo. *Teorias e História da Arquitectura*. Lisboa: Ed. Presença, 1979.

TÁVORA, Fernando. (1961) *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2006.

THOMAS, More. (1516) *Utopia*, Oeiras, Rés-editora, 2010.

TICE, Jim, *The interactive Nolli Map Website*, Estados Unidos: University of Oregon Dept of Architecture

Disponível em: < <http://nolli.uoregon.edu/default.asp>>

TZONIS, A. *Beyond Zip-a-tone, Into Space/Time*, in Architectural Association, Exemplary Projects 3, Londres, 1999.

UNGERS , Oswald Mathias. *The City in the City-Berlin: A Green Archipelago*. 1977.

UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2012). *World Urbanization Prospects : The 2011 Revision*. [Consult.03/12/2013]. Disponível em: <<http://esa.un.org/unup/CD-ROM/Urban-Rural-Population.htm>>

VIEIRA, João, **LACERDA**, Manuel. *Património arquitectónico – Edifícios conventuais capuchos- KITS –*

PATRIMÓNIO KIT05-documento provisório, Dezembro 2010. disponível em:

<<http://www.igespar.pt/media/docs/2010/12/22/KIT05.pdf>>

XAVIER, Manuel António. *Das cercas dos conventos capuchos*. Vol.II. Évora: Licorne, 2011.

ZEVI, Bruno (1918) *Saber ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed., 1996.

fig. 1- <i>The City of The Captive Globe</i> . KOOLHAAS , Rem. 1972.	18
fig. 2- <i>Die Stadt in der Stadt</i> . UNGERS , Oswald Mathias. Berlim, 1977.	18
fig. 3 - <i>Falanstério</i> . FOURIER , Charles	21
fig. 4- <i>Cidade-jardim</i> . HOWARD , Ebenezer. 1898. Grupo de cidades.	24
fig. 5 - <i>Cidade-jardim</i> . HOWARD , Ebenezer. 1898. Diagrama.	24
fig. 6- <i>Planta de Roma</i> . NOLLI , Giambattista. Roma, 1748.	31
fig. 7 - <i>Oriente Complex</i> . PROMONTÓRIO . Lisboa, 2004. Vista.	34
fig. 8 - <i>Oriente Complex</i> . PROMONTÓRIO . Lisboa, 2004. Plantas.	34
fig. 9 - <i>Centro Cultural de Belém</i> . GREGOTTI , Vittorio, RISCO . Lisboa, 1992. Planta geral.	39
fig. 10 - <i>Centro Cultural de Belém</i> . GREGOTTI , Vittorio, RISCO . Lisboa, 1992. Vista.	39
fig. 11 - <i>Torre AGBAR</i> , NOUVEL , Jean. Barcelona, 2005. Contexto.	42
fig. 12 - <i>Casa Brás de Albuquerque</i> . ARRUDA , Francisco. Lisboa. Também denominada "Casa dos Bicos". Fachada.	43
fig. 13 - <i>Palácio da Razão</i> . Pádua, Itália: 1425. In ROSSI , Aldo. 2001.	47
fig. 14 - <i>Anfiteatro de Arles</i> . Arles, França. In HERTZBERGER , Herman. 1991.	47
fig. 15 - <i>Palácio Diocleciano</i> . Split, Croácia in HERTZBERGER , Herman. 1991.	49
fig. 16 – <i>Operações gestálticas sobre a planta da Basílica de São Pedro</i> in ZEVI , Bruno. 1996.	54
fig. 17 - <i>Axialidade na Basílica de São Pedro Roma</i> in HERTZBERGER , Herman. 1991.	54
fig. 18 - <i>Îlla Diagonal</i> , MONEO , Rafael, SOLÁ-MORALES , Manuel de. Barcelona . Alçado e secção.	56
fig. 19 - <i>Îlla Diagonal</i> , MONEO , Rafael, SOLÁ-MORALES , Manuel de. Barcelona. Planta de piso térreo.	56
fig. 20 - <i>Localização da Colina de Santana</i> . Lisboa, 2014	61
fig. 21 - <i>Colina de Santana</i> . Lisboa, 2014.	61
fig. 22 - <i>Proposta para o Hospital de Santo António dos Capuchos</i> . LOBO , Inês. Lisboa, 2013.	61
fig. 23 - <i>Interior da Igreja de Santo António dos Capuchos</i> . Lisboa, 2014.	64
fig. 24 - <i>Asylo da Mendicidade</i>	67
fig. 25 - <i>Prolongamento da rua Luciano Cordeiro plano de Ressano Garcia</i> . Lisboa	67
fig. 26- <i>Persistência do eixo Campo de Santana- Adro da Igreja</i> .	70
fig. 27 - <i>Estratégia Urbana ao nível da Colina de Santana</i> .	73
fig. 28 - <i>Indicação dos edifícios a demolir (amarelo) e dos edifícios a adaptar a um novo uso (vermelho)</i>	75
fig. 29 - <i>Esquema topográfico</i>	76
fig. 30 - <i>Esquema elementos paisagísticos</i>	77
fig. 31 - <i>Esquema Estratégico</i> .	79
fig. 32 - <i>Legibilidade Urbana</i> .	80
fig. 33 - <i>Esquema Programático</i>	82

Peças Desenhadas

(Documentos Finais, reduzidos para formato A3)

Fotografias das maquetes

Painel A001- Estratégia Urbana, sem escala.

Painel A002- Estratégia Arquitectónica, sem escala.

Painel A101- Planta Coberturas , 1/500.

Painel A102- Planta Piso Térreo, 1/500.

Painel A103- Planta Piso -1, 1/500.

Painel A104- Planta Piso -2, 1/500.

Painel A201- Planta Piso -2, 1/200.

Painel A202- Planta Piso -1, 1/200.

Painel A203- Planta Piso Térreo, 1/200.

Painel A204- Planta Piso 2, 1/200.

Painel A205- Planta Piso 3, 1/200.

Painel A206- Planta Coberturas, 1/200.

Painel A207- Cortes Gerais, 1/200.

Painel A208- Cortes Gerais, 1/200.

Painel A 301- Caracterização Construtiva, 1/50 e 1/20

Painel A 302- Caracterização Construtiva, 1/50 e 1/20

Painel A 401- Visualizações, sem escala

